



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE
CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO E
DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

CAMILA RAMOS DE PAULA

**EMPODERAMENTO, AUTOESTIMA E AUTOAFIRMAÇÃO: O
DISCURSO SOBRE O CABELO RUIM E O BOM NO CONTEXTO
DA TRANSIÇÃO CAPILAR**

CASCAVEL – PR

2022

CAMILA RAMOS DE PAULA

**EMPODERAMENTO, AUTOESTIMA E AUTOAFIRMAÇÃO: O
DISCURSO SOBRE O CABELO RUIM E O BOM NO CONTEXTO
DA TRANSIÇÃO CAPILAR**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestra em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos discursivos: memória, sujeito e sentido

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Cattelan

CASCADEL – PR

2022

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Ramos de Paula, Camila
EMPODERAMENTO, AUTOESTIMA E AUTOAFIRMAÇÃO: O DISCURSO
SOBRE O CABELO RUIM E O BOM NO CONTEXTO DA TRANSIÇÃO CAPILAR
/ Camila Ramos de Paula; orientador João Carlos Cattelan. --
Cascavel, 2022.
76 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel) --
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação,
Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Análise do Discurso. 2. Cabelo Crespo. 3. Transição
Capilar. 4. Empoderamento. I. Cattelan, João Carlos, orient.
II. Título.

EMPODERAMENTO, AUTOESTIMA E AUTOAFIRMAÇÃO: O DISCURSO SOBRE O CABELO RUIM E O BOM NO CONTEXTO DA TRANSIÇÃO CAPILAR

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

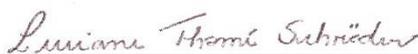
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Carlos Cattelan
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Orientador



Profa. Dra. Célia Bassuma Fernandes
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)
Membro Efetivo (convidado)



Profa. Dra. Luciane Thomé Schröder
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo (da Instituição)

Cascavel, 25 de fevereiro de 2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder o dom da vida e por todas as bênçãos recebidas.

À minha família, em especial, aos meus pais, por todo amor, cuidado e incentivo, por sempre lutarem para que eu tivesse acesso a um ensino de qualidade.

À minha avó Basília (*in memoriam*), pelo carinho e amor de sempre, por ser um exemplo de garra e de superação.

Ao meu orientador, prof. Dr. João Carlos Cattelan, pela paciência, competência e sabedoria com que me orientou neste trabalho. O modo como me auxiliou neste processo sempre será lembrado. Sou grata por aceitar orientar esta pesquisa, por entrar no “universo dos cabelos”. Entender a AD fica mais fácil com suas explicações.

À professora Dra. Célia Bassuma Fernandes e à professora Dra. Luciane Thomé Schröder, por aceitarem participar da minha pesquisa. Suas leituras e contribuições foram essenciais para este processo.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o discurso sobre o cabelo crespo na condição de produção de transição capilar e como, a partir dele, um determinado perfil-mulher é caracterizado. Para isso, escolheram-se Sequências Discursivas (doravante, SDs) que abordam os tipos de cabelo das mulheres. As SDs foram de duas matérias: uma da revista *Veja* e outra da *Folha de São Paulo*. Para além desses discursos, selecionaram-se recortes do texto de um blog e publicações e comentários no *Instagram*, sendo que esses discursos abordam o cabelo liso e o ondulado, cacheado e crespo. O lugar de circulação é o ambiente digital o qual menciona os sentimentos, as interferências sociais e acontecimentos no processo de volta ao crespo natural. A problemática da pesquisa era identificar que efeitos de sentido permeiam o dito sobre o empoderamento feminino, tendo em vista a (não) aceitação do cabelo natural e os sentidos sobre o processo de transição capilar. O objetivo geral era analisar o perfil-mulher constituído a partir do discurso sobre a transição capilar. Para isso, utilizamos o suporte teórico da Análise de Discurso de linha francesa, com destaque para os conceitos de Ideologia, Formação Discursiva (FD), Metáfora e Interdiscurso. A pesquisa foi de base qualitativa e de cunho interpretativista. Por meio da análise das SDs, foi possível identificar duas FDs distintas que se relacionam interdiscursivamente e produzem um deslocamento metafórico sobre o cabelo crespo. Constatou-se na análise, que a transição capilar, ou o retorno às “raízes”, é um processo que, supostamente, gera empoderamento, aumento da autoestima e autoafirmação, não explicitando os interesses mercadológicos que baseiam a sua defesa. Desse modo, percebeu-se a presença do movimento em favor do consumo, já que é assumido que produtos específicos auxiliam o cuidado das curvaturas e todo o processo. Uma vez que, socialmente, há diferentes discursos sobre os cabelos e os separam entre “bom” e “ruim”, constatamos a existência de duas FDs: uma em que o processo de alisamento é visto como positivo, já que o cabelo crespo seria ruim, e outra em que o processo de transição capilar acontece em uma FD que considera os fios naturais crespos como bons, justificando a volta ao natural. Observamos, assim, que a definição do cabelo, e do feminino por decorrência, ou seja, as caracterizações tanto positivas quanto pejorativas são realizadas por meio do cabelo em uso, com a avaliação atingindo o ser como todo. Assumir, ou não, os fios naturais é, pois, carregar sentidos/estigmas que ecoam socialmente.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Cabelo Crespo. Transição Capilar. Identidade. Autoestima. Empoderamento.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo analizar el discurso sobre el pelo crespo en la condición de producción de transición capilar y como, a partir de él, un determinado perfil-mujer es caracterizado. Para eso, se eligieron Secuencias Discursivas, (de ahora en adelante, SDs) que abordan los tipos de pelo de las mujeres. Las SDs fueron de dos editoriales: uno de la revista *Veja* y otro de la *Folha de São Paulo*. Además de estos discursos, se seleccionaron recortes de textos de un blog y publicaciones y comentarios en *Instagram*, siendo que esos discursos abordan el pelo lacio y el ondulado, rizado y crespo. El lugar de circulación es el ambiente digital lo cual menciona los sentimientos, las interferencias sociales y acontecimientos en el proceso de vuelta al crespo natural. La problemática de la investigación era identificar qué efectos de sentido permean el dicho sobre el empoderamiento femenino, teniendo en vista la (no) aceptación del pelo natural y los sentidos sobre el proceso de transición capilar. El objetivo general era analizar el perfil-mujer constituido a partir del discurso sobre la transición capilar. Para eso, utilizamos el soporte teórico de Análisis del Discurso de línea francesa, con destaque para los conceptos de Ideología, Formación Discursiva (FD), Metáfora e Interdiscurso. La investigación fue de base cualitativa y de cuño interpretativo. Por medio del análisis de las SDs, fue posible identificar dos FDs distintas que se relacionan dentro del discurso y producen un desplazamiento metafórico sobre el pelo crespo. Se constató en el análisis, que la transición capilar, o la vuelta a las “raíces”, es un proceso que, supuestamente, genera empoderamiento, aumento de la autoestima y autoafirmación, no explicitando los intereses mercadológicos que basan su defensa. De esa manera, se notó la presencia de movimiento en favor del consumo, ya que es asumido que productos específicos ayudan en el cuidado de las curvaturas y todo el proceso. Una vez que, socialmente, hay distintos discursos sobre el pelo y los separan entre “buenos” y “malos”, constatamos la existencia de dos FDs: una en que el proceso de alisamiento es visto como positivo, ya que el pelo crespo sería malo, y otra en que el proceso de transición capilar ocurre en una FD que considera los hilos naturales crespos como buenos, justificando la vuelta al natural. Observamos, así, que la definición del pelo, y del femenino, por consecuencia, o sea, las caracterizaciones tanto positivas como peyorativas son realizadas por medio del pelo en uso, con la evaluación alcanzando el ser como todo. Asumir, o no, los hilos naturales es, pues, cargar sentidos/estigmas que repercuten socialmente.

PALABRAS CLAVE: Discurso. Pelo crespo. Transición capilar. Identidad. Autoestima. Empoderamiento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 ANÁLISE DO DISCURSO: breve passagem.....	17
1.1 SOBRE AS MODALIDADES DA IDEOLOGIA.....	21
1.2 FORMAÇÃO DISCURSIVA.....	23
1.3 METÁFORA E INTERDISCURSO.....	25'
2 ANÁLISE DO CORPUS.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75

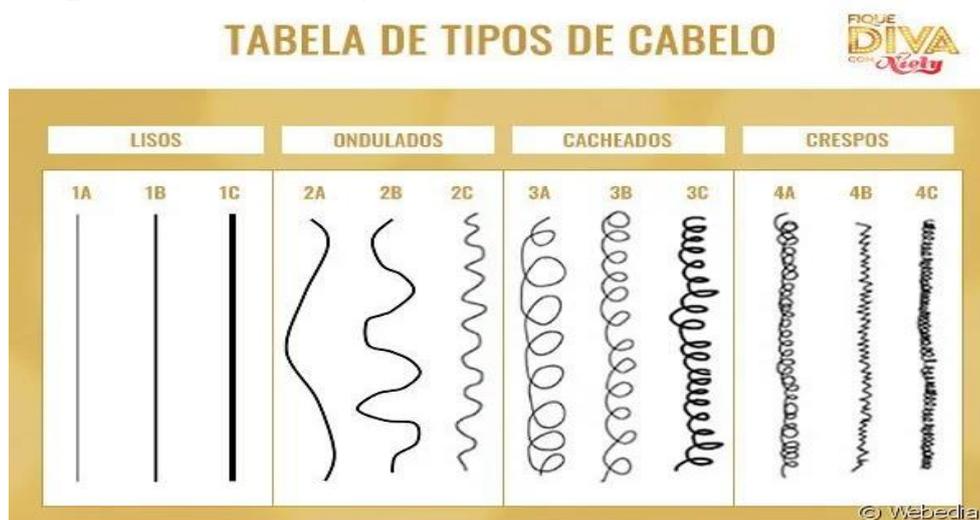
INTRODUÇÃO

Sabemos que as mídias impressas e, sobretudo, as digitais têm poder de circulação na sociedade. As digitais alcançam leitores que, anteriormente, não eram alcançados; logo é evidente que o contexto tecnológico possibilita uma rede de comunicação mais ampla. Nesse viés, devemos destacar que o discurso midiático acontece de um modo transformador, influencia desde padrões de comportamentos até valores que devem ser adotados.

Neste sentido, por meio dos discursos produzidos pelos distintos sujeitos sociais, percebemos que os discursos do cotidiano são carregados de injunções e ecoam obrigações e submissões. Diante disso, os discursos sofrem influências de modos de pensar ideologicamente orquestrados e destacamos que este fato tanto pode estar explícito quanto ser silenciado.

O que pretendemos observar neste trabalho é o discurso sobre os tipos de cabelo que os relacionam a empoderamento, autoestima e autoafirmação a partir do uso de determinada curvatura dos fios em matérias/reportagens que circulam na mídia impressa que representam e estabilizam sentidos oriundos do discurso mercadológico. Ademais, selecionamos outros recortes que dialogam com eles - texto de um blog e publicações e comentários do *Instagram*. Para nos situarmos, retomamos uma tabela que classifica o tipo de cabelo de acordo com os fios, a selecionamos do site da *Niely Gold*, empresa brasileira de cosméticos. Vejamos:

Imagem 1 – Tabela de tipos de cabelo



Fonte: Niely Gold - tipos de cabelo

Percebemos que essas classificações estão presentes socialmente por meio de discursos mais genéricos, isto é, os tipos de cabelos não são vistos pelas diversas curvaturas - como observadas na tabela -, mas pela divisão entre liso *versus* ondulado/cacheado/crespo. Por isso, neste trabalho, utilizamos os termos ondulados, cacheados e crespos como equivalentes, compreendendo essas curvaturas como as que se distanciam dos fios lisos. Desse modo, no decorrer do trabalho, quando mencionamos um dos termos nos referimos aos fios que não são lisos, já que os recortes discursivos se organizam em duas regiões discursivas: liso e não liso.

Isso significa que, ingenuamente (ou não), para o mercado de venda de produtos, mais vale a simplificação que culmina na noção de “belo” e de “bom” que circula junto com os “tipos” de cabelos; nesse viés, o cabelo saudável (e bom, portanto, bonito) é aquele que utiliza os produtos indicados. Além disso, refletimos sobre o discurso que prevalece no imaginário social em relação aos cabelos: “bom” *versus* “ruim”. Socialmente, dentro de uma formação discursiva (doravante, FD) específica, os dois termos circulam e se referem, respectivamente, aos cabelos lisos e crespos.

Selecionamos sequências discursivas (doravante, SD) que dizem sobre esses cabelos. Conforme Pêcheux (2015)

a primeira etapa do tratamento do corpus consiste, então, em segmentá-lo em sequências discursivas autônomas. Sequências autônomas porque, ao selecioná-las, quebramos o fio do discurso e permitimos que sejam tratadas pelo algoritmo como entidades independentes (PÊCHEUX, 2015, p. 167).

Dado este quadro, o problema de pesquisa desta dissertação é: quais são os efeitos e sentidos que permeiam o discurso sobre o empoderamento feminino a partir da aceitação ou não do cabelo natural da mulher e quais são os discursos presentes e os efeitos de sentidos sobre o processo de transição capilar que as SDs veiculam quando tratam desta temática?

Os discursos sobre a mulher, como não poderiam deixar de ser, estão presentes no social. Em relação ao da presente pesquisa, por vezes, verificamos que os ditos relacionados ao tipo de cabelo da mulher abordam o cabelo liso de modo “idealizado”, o que não acontece com o crespo. Percebemos que a

valorização da diferença é atravessada por ditames do mercado e que o cabelo “valorizado” se sustenta na desvalorização do seu outro. A loja on-line de *O Boticário*, por exemplo, na seção “cabelos cacheados ou ondulados”, traz a seguinte definição:

Você tem cabelos cacheados, crespos ou ondulados? Então, deve saber que ele precisa dos cuidados certos para se manter bonito, com brilho e cheio de vida.

Percebemos, portanto, que valorizar os cachos requer, antes de tudo, desvalorizá-los, isto é: o seu cabelo é “feio”, mas pode “se manter bonito” a partir dos produtos especificados. Se, para ser “cheio de vida”, o cabelo precisa de cuidados específicos, sem os produtos, ele tem “pouca vida” ou, ainda, é “morto” - e, conseqüentemente, não deve ser mostrado/usado.

Quando se trata dos discursos sobre o feminino, podemos perceber os valores que são historicamente estabelecidos em relação às mulheres que, em tese, são descuidadas: a desvalorização e o menosprezo continuam presentes nos discursos que circulam socialmente. Neste sentido, os discursos midiáticos sobressaem, já que o seu “poder” de circulação é bastante acentuado.

É preciso reconhecer, no caso desta pesquisa, que o interesse pelo tema feminino abordado (cabelo/corpo) se deve ao fato de que, por ser mulher e ter o cabelo cacheado, sou afetada pelos sentidos que são veiculados em diferentes discursos que definem o tipo de cabelo que a mulher pode ou não ter e qual é o cabelo da “estação/moda”, dentre outros.

Percebemos que os discursos são diferentes, aqui, dos reservados aos homens, pois a imagem da mulher em sociedade é estereotipada e a indústria midiática contribui para o fenômeno, pois a ideologia que circula, por vezes, é de dominação/submissão, isto é, a mulher “recebe” dizeres de como deve ser, reagir e se comportar, por exemplo. No caso desta pesquisa, os discursos são aqueles que se referem ao cabelo tido (ou não) como padrão social.

Quando destacamos a mulher que cuida de si e do corpo (cabelo), observamos discursos que circulam sobre um tipo de cabelo específico: o liso. Para não generalizar, os cabelos ondulado/cacheado/crespo são mencionados, mas é necessário observar como eles são apresentados e como são significados de um modo distinto. Há anúncios que divulgam produtos para cabelos diferentes

do liso, mas os discursos não é como a dele, como observamos na propaganda do Boticário acima. Afinal, por que o efeito de “cuidado” que a mulher “recebe” é construída a partir de um tipo de cabelo, sobretudo, o liso? Por que o liso é “belo”, mas o crespo não é?

Como mencionado no início, devido ao contexto tecnológico, discursos veiculados pela mídia digital ganham repercussão e, conseqüentemente, os leitores/ouvintes acabam sendo influenciados. Para o estudo, selecionamos SDs de diferentes lugares de circulação. São recortes de duas matérias: uma da revista *Veja* e outra da *Folha de São Paulo*. Além disso, recortamos SDs da rede social *Instagram*, que possui milhares de usuários, e de um texto de um *blog* em que autora escreve sob as condições da transição capilar.

Nesse sentido, um trabalho de análise de um texto midiático da rede social em questão, que foca nos discursos sobre os tipos de cabelo e aponta outros efeitos de sentido e significações, tem relevância, pois, por meio dele, podemos analisar os efeitos de sentidos mobilizados e avaliarmos como esses discursos afetam um imaginário de beleza feminina, reiterando uma história de poder em torno da branquidade *versus* a negritude.

Por isso, a análise proposta se justifica, já que pretendemos colocar em discussão discursos sobre o cabelo feminino que os relaciona ao suposto efeito de empoderamento dado pelo perfil-cabelo que a mulher “deve” adotar. Portanto, pretendemos refletir sobre como as sequências escolhidas ecoam na sociedade, sobre o que dizem sobre ser “mulher” (atravessadas pela FD do empoderamento feminino) e a relação que têm com um tipo de cabelo específico.

Refletir sobre o empoderamento feminino é pertinente no atual momento histórico, pois as mulheres ainda são vistas via estereótipos¹, sobremaneira, nas mídias de publicidade. Por conseguinte, pretendemos investigar que discurso sobre o cabelo feminino circula no *corpus* recortado para análise, que efeitos de sentido produz e como, a partir disso, acontece (se acontece) o empoderamento feminino sob o viés das SDs recortadas.

Conforme pesquisa realizada no portal da Capes, os estudos sobre essa temática não têm a Análise de Discurso de linha francesa (doravante, AD) como suporte teórico para a análise do *corpus*, ou seja: não há estudos dos discursos

¹ Neste trabalho, entendemos estereótipo como um modelo, um padrão a ser seguido.

sobre o tema pelo viés da teoria materialista do discurso. As temáticas relativas ao presente trabalho são visualizadas em outras áreas de conhecimento e se filiam a outros saberes, respondendo a outras questões.

Por isso, este trabalho se diferencia dos demais por propor reflexões por meio da AD, porque ela permite refletir sobre o empoderamento feminino em consonância com o processo de transição capilar e sobre como os cabelos cacheados e crespos são significados em distintas FDs a partir do *corpus* em análise, tendo como princípio de discussão os dois tipos de cabelos.

O objetivo da pesquisa é analisar o discurso sobre o cabelo crespo na condição de produção de transição capilar e como, a partir dele, um determinado perfil-mulher é discursivizado. Pretendemos abordar o conceito de transição capilar e relacioná-lo ao discurso sobre o empoderamento feminino, a identidade e a autoestima; analisar o que as SDs dizem sobre os cabelos crespos em duas FDs distintas: “A” e “B” (efeito metafórico); e identificar a caracterização do perfil-mulher apresentada por meio do tipo de cabelo, refletindo ainda sobre os efeitos de sentidos acerca do empoderamento feminino nas matérias selecionadas, observando o funcionamento do interdiscurso materializado nas SDs selecionadas.

Para a realização do trabalho proposto, mobilizamos a AD de linha francesa, pois entendemos que a disciplina oferece o aporte teórico sobre os conceitos que serão agenciados na realização da pesquisa, como Formação Discursiva, Metáfora e Interdiscurso. O gesto analítico incidirá sobre os dizeres selecionados que serão tomados como materialidades significantes e nos quais o discurso se materializa e adquire “forma encarnada”, conforme Orlandi (2015). A análise será orientada pela historicidade, quer dizer, pelo texto como discurso.

Por ser de cunho interpretativo, o trabalho busca alcançar um dentre outros possíveis sentidos, com a responsabilidade frente à interpretação das ações sociais e aos significados atribuídos a elas, já que há a participação, a compreensão e, também, a interpretação do pesquisador. O dispositivo analítico encampa o dispositivo teórico. A metodologia da pesquisa inclui a descrição e a análise do material linguístico, observando o dito, o não dito/silenciado e o modo como é dito. Para a análise do material, abordamos o conceito de Sequência Discursiva; para isso, tem-se SD1, SD2 e assim consecutivamente.

Buscamos “compreender o modo de produção de sentidos resultantes

das posições discursivas de sujeito constituídas” (MARIANI, 2003, p. 61). Em relação aos procedimentos analíticos da AD francesa, vale destacar que Orlandi (2013), na obra “Análise de discurso: princípios e procedimentos”, aborda o “dispositivo de análise” e discorre sobre os processos que embasam a análise. De acordo com a autora, “os procedimentos da Análise de Discurso têm a noção de funcionamento como central, levando o analista a compreendê-lo pela observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e de sujeitos” (ORLANDI, 2013, p. 75). Nessa parte da obra, a autora retoma os conceitos que podem ser agenciados durante o processo de análise, os quais usaremos conforme o gesto analítico do nosso *corpus*.

As SDs selecionadas para a análise são, sobretudo, de duas matérias: “De volta às raízes”, da Revista Veja *online*, e “Mulheres brasileiras têm buscado mais por cabelos cacheados que por lisos na web”, da Folha de S. Paulo, *online*. A primeira matéria selecionada foi publicada no mês de outubro de 2018 e a segunda, em agosto de 2017. Além disso, foram recortadas algumas SDs que circulam nas publicações e nos comentários da rede social *Instagram* e recortes do texto “Cabelo crespo e Bombril: essa comparação não é brincadeira, e sim racismo”, do blog Sah Oliveira, do portal Uol, do dia 28 de dezembro de 2018.

Os suportes de publicação destes discursos são digitais e, nesse sentido, destacamos os seus possíveis leitores, uma vez que os meios de comunicação e as tecnologias possibilitaram o acesso a diversos conteúdos de forma rápida e os textos selecionados estão inclusos nisso.

Destacamos que a busca por conteúdos sobre os cabelos cacheados e crespos aumentou na *internet* conforme os índices apontados em uma das matérias. Devemos ressaltar, também, que, no caso das revistas, não apenas os leitores desses veículos de comunicação tiveram acesso aos conteúdos, já que, ao pesquisar sobre cabelo crespo, as matérias podem aparecer como resultados disponíveis não somente para os leitores assíduos desses *sites*; quer dizer, as matérias estão na rede e aparecem ao acionarmos os discursos em questão.

Distante dos leitores não assíduos da plataforma, há aqueles que fazem parte dos grandes números que apontam o “sucesso” desses sites. A Revista Veja *online* e a Folha de São Paulo *online* se enquadram nos mais conhecidos portais do Brasil. Contudo, os discursos presentes neles não são “fonte/ato inaugural”, se pensarmos pelo viés da AD. Nesse sentido, o que é dito nesses

canais reitera discursos presentes no ambiente social, retomando pré-construídos que se sedimentam. Porém, no caso desses lugares de circulação, há um “grande” destaque, dado o “poder” de veiculação, sobretudo, na era digital.

A matéria da Folha de São Paulo foi publicada na seção “estilo”; a da Veja, na seção “cultura”. Destacamos que a busca pelas seções acontece quando os leitores estão com as plataformas “abertas”. Além da nomenclatura das seções, a busca por esse conteúdo e informações relativas também levam às seções. Queremos destacar que há leitores direcionados por meio dos resultados de pesquisa e há leitores que direcionam a si mesmos para esses resultados.

As SDs selecionadas dos outros lugares de circulação dizem sobre o processo de transição capilar e sobre quais são os sentimentos, as interferências sociais e os outros acontecimentos durante a prática da “volta ao natural”.

Pensarmos nos efeitos de sentido do discurso sobre os cabelos cacheados e crespos é pensarmos sobre o que ecoa socialmente. O discurso das matérias é veiculado de modo que haja ainda mais o compartilhamento da ideologia que prega que o cabelo liso é o belo. É nesse contexto que estabelecemos os critérios para a seleção dos recortes. As mulheres representadas nos textos suportes das SDs são famosas e são conhecidas (inter)nacionalmente, o que pode influenciar os leitores em relação ao “padrão” a ser seguido, destaque da nossa abordagem.

Na matéria da Veja, temos Taís Araújo, uma atriz brasileira; na matéria da Folha de São Paulo, temos mais de uma mulher: e todas são famosas (inter)nacionalmente. Logo, temos cabelos cacheados compartilhados que são representados por mulheres de determinada classe social: e isso nos instiga a analisar o assunto. Os fios são mostrados por “grandes” portais, mas são evidenciados por mulheres específicas.

Além disso, os termos e as expressões utilizadas nos títulos e nas SDs para fazerem referência às mulheres, ao empoderamento e à transição capilar também interferiram em nossas escolhas, já que, como não poderia deixar de ser, são usados ingredientes linguísticos pejorativos em relação a determinado tipo de cabelo, mesmo que eles sejam “mascarados”.

Os lugares de circulação *online* citados são conhecidos e atraem milhares de leitores diariamente. Neles, as revistas falam sobre os fios e trouxeram

“exemplos” que fazem refletir sobre a questão do cabelo tido como (não) padrão socialmente. Afinal, o que é compartilhado, e continua disponível, diz sobre o que circula socialmente. Frisamos que não tratamos dos sujeitos autores das matérias selecionadas, por entendermos que o sujeito da AD não é a fonte do dizer.

Por fim, este trabalho está organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, “Análise do Discurso: breve passagem”, abordamos a corrente teórica que respalda a pesquisa. Para isso, refletimos brevemente sobre o surgimento da teoria e discutimos, também brevemente, conceitos que são mobilizados no processo de análise das SDs.

No segundo capítulo, “Análise do *corpus*”, desenvolvemos o processo de análise dos discursos das SDs selecionadas. Recortamos vinte sequências dos lugares de circulação mencionados, que foram produzidas em condições de produção da transição capilar e que dizem respeito à transição capilar. São ditos que mencionam o cabelo (não) padrão socialmente e associam o retorno às curvaturas a “ser empoderada”, aumentar a autoestima e assumir uma “identidade” social.

Por fim, são apresentadas as considerações finais deste trabalho.

1 ANÁLISE DO DISCURSO: breve passagem

A Análise do Discurso oferece princípios e procedimentos para a análise de materialidades significantes que oportunizam a reflexão sobre a sociedade por meio da consideração do real da história e da sua imbricação na materialidade da língua como sistema sujeito à falha.

A AD surgiu na década de 1960 na França e tem Michel Pêcheux como seu fundador. Ela é uma disciplina de cunho teórico-metodológico que teve o seu surgimento a partir da confluência da Linguística, da Psicanálise e do Marxismo. O foco dessa corrente de estudos é entender as relações de determinação que um discurso tem sobre o outro; como, a partir das suas condições de produção, um discurso pode produzir diferentes efeitos de sentido; como são produzidos os efeitos de sentidos; e como a presença do (não)dito/silenciado está presente na materialidade de um “novo” discurso.

Para o desenvolvimento deste trabalho, diante da pesquisa proposta, alguns conceitos produzidos pela AD serão mobilizados, ou seja, dentro da área em questão, utilizaremos o que a teoria pode trazer como contribuição para a análise das sequências discursivas selecionadas.

Na AD, a linguagem é entendida como mediadora entre o homem e a sua realidade e como um ingrediente constituinte de ambos. E o discurso, nessa perspectiva teórica, é compreendido como “palavra em movimento, prática de linguagem” (ORLANDI, 2013, p.15). Estudar o discurso possibilita observar o homem falando e, diante disso, ele não é considerado um sujeito singular, mas um modo de pensar, o coletivo sócio-historicamente situado.

A linguagem não é transparente para a AD e ela não é neutra, uma vez que, sendo cambiante, o sentido se fragmenta por meio da clivagem; portanto, em todo discurso, há a presença de uma ideologia. Nesse viés, por meio da análise, vai-se além da mera estrutura sintática da língua, pois se tem acesso a sentidos ideologicamente orquestrados e que produzem outros, sempre em contato com o ideológico que nos habita e condiciona.

A ideologia, para Pêcheux (2009), designa o que é e o que deve ser, ela fornece as evidências pelas quais os sujeitos sabem o que dizem os enunciados e, também, mascara o caráter material do sentido das palavras dos enunciados. Esse caráter consiste na sua dependência constitutiva da língua e do sujeito do

chamado “o todo complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2009, p. 146). Para Orlandi (2013), a atividade da ideologia produz “evidências, colocando o homem numa relação imaginária com suas condições materiais de existência”. Para ela, a ideologia “é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos” (ORLANDI, 2013, p. 46).

As palavras, expressões etc. têm o seu sentido modificado segundo as posições sustentadas por quem as utiliza, isto é, elas fazem sentido a partir das injunções ideológico-discursivas que as determinam. Pêcheux (2009) nomeia Formação Discursiva o que, numa Formação Ideológica dada, determina o que pode e deve ser dito. Neste sentido, o funcionamento da ideologia conduz os movimentos de interpelação do sujeito que ocorrem por meio das formações ideológicas.

De acordo com Pêcheux (2009),

é a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 2009, p. 146, grifos do autor).

O autor francês reflete sobre o idealismo e a forma linguística subjetiva que o constitui (ego cogito) e afirma que este revestimento não é mais do que o funcionamento espontâneo da forma-sujeito, uma vez que o sujeito é constituído pelo esquecimento daquilo que o determina, ou seja, o discurso é atravessado pelo pré-construído (pela metáfora), que corresponde ao sempre-já-aí do sentido, e pelo encadeamento dele (pela metonímia), que se refere ao discurso transversal, sendo ambos ancorados na memória e no interdiscurso. Desse modo, a forma-sujeito do “eu”, cujo efeito é o de se simular como centro e fonte do sentido deve ser caracterizado como realização da incorporação-dissimulação dos elementos da memória/interdiscurso na teia do intradiscurso.

No tocante a estas questões, o autor trata do imaginário que determina o sujeito, que não reconhece seu assujeitamento, destacando que o discurso de um sujeito reproduz o de outro. Em relação ao assujeitamento, Pêcheux (2009) menciona dois esquecimentos: o nº 1 faz parte do inconsciente e determina a FD em questão; no nº 2, o sujeito tem a impressão de “autonomia”, já que aborda a

seleção/rejeição das palavras, parecendo se apoiar na liberdade de sujeito-falante. A forma-sujeito, que toma o “eu” como eixo central da materialidade dos significantes, produz, assim, o efeito de mascarar o objeto do esquecimento nº 1 a partir do esquecimento nº2, com a conseqüente ilusão subjetiva.

Pêcheux (2009) afirma que a ideologia não possui exterior, porque se simula como conhecimento científico e saber homogêneo, mas, sendo exterior para a realidade e a ciência, em termos de discurso como materialidade ideológica, tudo é dependente dela. Diante disso, o autor aborda duas questões: “o que significa lutar” e “o que significa produzir (e ‘reproduzir’) conhecimentos científicos?” Para ele, a primeira solução corresponde à saída do sujeito para fora da ideologia por meio de um ato individual ou coletivo e a segunda consiste em pensar que a ciência é a ideologia mais cômoda. Segundo Orlandi (2013), o esquecimento é, desse modo, constitutivo dos sujeitos e dos sentidos.

Destacamos que os sentidos das SDs selecionadas, como discurso que são, não estão determinados apenas pelas palavras utilizadas, mas também pela exterioridade e, por isso, outro conceito deve ser abordado: o de condições de produção, já que são elas que permeiam a efetivação do discurso e também influenciam a sua formulação. Conforme Orlandi (1987), falar em discurso é falar obrigatoriamente em condições de produção.

Na perspectiva da AD, os discursos - logo os saberes sobre os cabelos das mulheres veiculados pelas materialidades em análise nesse estudo - têm o poder de colocar em circulação determinados pontos de vista e não outros. Por isso, ressaltamos que, para Pêcheux (1999), o conceito de *memória discursiva* é uma ferramenta analítica pertinente para os estudos sobre os discursos e os sentidos, já que aqueles que estão presentes nos enunciados são produzidos pelas relações sociais e os discursos sobre as mulheres não surgiram agora e nem de um indivíduo em particular.

No caso deste estudo, podemos verificar, em termos ideológicos, o que se espera da mulher e destacamos que as representações midiáticas parecem apontar sempre para um perfil único e desejável. Nesse sentido, Buitoni (2009) afirma que, mesmo com as brechas das publicações midiáticas para que se tenha uma transformação de padrões, ainda há publicações de conselhos de dietas e de cosméticos e celebridades que apontam para uma imagem ideal, tanto de modelo quanto de comportamento. Conforme a autora, a mulher e a

imprensa têm uma relação que implica pontos abrangentes, como a participação política da mulher e o seu papel social. Logo, tem-se uma injunção ideológica sobre o que significa ser mulher a cada momento.

Percebemos que o dito sobre os tipos de cabelo não é algo que “nasceu” agora e num instante em particular, mas que ele faz parte de uma construção, do conjunto de representações de uma época, por uma dada formação social. Falar sobre o cabelo “padrão”, ou sobre o melhor tipo de cabelo, ou sobre como ele deve ser cuidado não é uma construção discursiva própria do século XXI. O discurso sobre o cabelo crespo (‘crespo’ em especial) revela um deslocamento metafórico, isto é: não há um sentido único para *crespo* apesar de o termo lexical ser o mesmo. Portanto, atentamos para o fato de que o cabelo *crespo* será a metáfora posta em observação e pretendemos notar como os deslocamentos de sentidos ocorrem e como, a partir disso, o empoderamento é apresentado.

De acordo com Ferreira (2010, p. 8), o sujeito da AD é assujeitado “ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação”. No entanto, de acordo com a autora, a língua é passível de falha e de equívocos que constituem elementos estruturais que não são contornáveis do próprio da língua. Para ela, “A língua da AD admite a falta, o furo, a falha; não trabalha com uma noção de estrutura fechada e homogênea” (FERREIRA, 2010, p. 3). Tendo em vista estes postulados, devemos levá-los em conta na análise do *corpus*, tendo em vista que o discurso é reproduzido por um sujeito que é marcado pela ideologia, mas o faz a partir de ditames diferentes consoante cada injunção.

Segundo Orlandi (2013, p. 30), “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas”. Em outros termos, as palavras que pronunciamos são carregadas de sentidos produzidos nas relações sociais. Assim, o que se diz atualmente sobre os cabelos crespos e lisos - discursos que analisaremos - não nasceu agora, tampouco é produto de uma mente individual, reiteramos. Tais dizeres foram tecidos ao longo da história, sendo atualizados a partir da memória discursiva, o que evidencia um sempre já-aí, como afirma Pêcheux (1999)

memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PECHÉUX, 1999, p.52).

Em outros termos, os sentidos das palavras dependem de que elas já tenham sido proferidas em outros lugares por outros sujeitos. Desse modo, a memória discursiva possibilita não só a difusão de modos de percepção da realidade, como também a difusão e a perpetuação de valores sociais.

Conforme Mariani (2003), para a AD e para a psicanálise, o sujeito não é anterior, pois se tem o Outro da linguagem e da memória. Logo, não há sujeito sem significante e, por consequência, o sujeito emerge já representado nesse significante que o constitui. Vale lembrar que, de acordo com Ferreira (2010), a psicanálise, assim como retrabalhada no campo epistemológico da AD, mostra a possibilidade da entrada numa concepção de sujeito assujeitado e submetido ao próprio inconsciente e às circunstâncias que o moldam. O sujeito da AD é constituído, em decorrência, pelo esquecimento/apagamento da ideologia que o determina e que constitui o tecido de “evidências” em que ele se ancora.

1.1 SOBRE AS MODALIDADES DA IDEOLOGIA

No texto *Observações gerais para uma teoria geral das ideologias*, Pêcheux (1995), por meio do pseudônimo de Thomas Herbert, tem por objetivo identificar as modalidades da resistência ideológica ao alcance do real e ao fato de fazer a vida ser conduzida na forma do imaginário, ou seja, compreendendo o mundo da forma que se acha que ele é e não o que ele é. Elas seriam divididas em tipo “A” (resistência local) e tipo “B” (resistência ligada à estrutura social). No tipo “A”, o autor destaca o aparecimento da linguagem como sendo um produto derivado da prática técnica empírica, cuja atividade essencial é a designação e a nomeação; no tipo “B”, como condições indispensáveis da prática política, a linguagem seria um conjunto de cadeias sintáticas que estabilizam o sentido do nome, cristalizando e sedimentando determinados efeitos.

Dessa maneira, uma teoria geral da ideologia se torna necessária e possível devido aos seguintes acontecimentos: 1 - o aparecimento escalonado de ciências ditas da natureza; 2 - o aparecimento das condições de possibilidade de uma ciência das formações sociais; 3 - o conjunto teórico, mais ou menos, articulado das ciências sociais. Segundo o autor, “se toda ciência é ciência de uma ideologia, a ‘ciência das ideologias’ não pode escapar a esta lei”

(HERBERT, 1995, p. 67). Logo, a ciência das ideologias tem por objeto uma teoria científica da ideologia.

A modalidade ideológica de tipo “A” remete à forma empirista e a “B” remete à forma especulativo-fraseológica. De um lado, a forma empírica da ideologia se refere à relação de uma significação e de uma realidade, colocando em jogo uma função semântica, cuja justificação se pauta na hipótese de que a linguagem teria a função de dar nome às coisas; a forma especulativa, por outro lado, refere-se à articulação das significações mínimas entre si, sob a forma geral do discurso, colocando em jogo uma função sintática que se articula sobre a produção de cadeias que constituem enunciados.

Em “A”, a ideologia empírica aborda a função do real atribuída ao homem, que é considerado um animal ecológico, organizador do seu meio e que produz e distribui significações, pondo etiquetas sobre as coisas do mundo, conduzindo à realidade e estabelecendo a relação significante-significado, caindo numa falsa ilusão de colagem da linguagem ao mundo e de transparência do sentido.

A ideologia especulativa, modalidade “B”, tem o pressuposto ideológico do homem como animal social, que estaria inserido, via linguagem, num sistema de comunicação de significações, sendo uma função social; nesse caso, tem-se a relação do significante com o significado, que resulta em enunciados, em cadeias sintáticas e em discursos e explica e justifica a atribuição da designação dos nomes às coisas, cristalizando a significação.

Herbert (1995) aborda “A” como dominância metafórico-semântica (gestos e falas) e “B” como dominância sintático-metonímica (instituições e discursos), sendo que a compreensão do processo ideológico deve passar pela compreensão dessas duas dominâncias, uma vez que a ideologia, que se simula como ciência, é vivenciada como uma condição natural e evidente assegurada pelas garantias empírica e especulativa. Com relação a esta dupla modalidade, o autor reflete sobre a mutação ideológica e postula que ela é resultante de um deslocamento no sistema de garantias e tem “o estatuto de um discurso delirante para a ideologia dominante no ponto considerado” (HERBERT, 1995, p. 88).

Estes postulados de Herbert/Pêcheux se relacionam diretamente com este trabalho, uma vez que, também com relação ao cabelo crespo, há, de um lado, uma suposta atividade de pura denominação e, de outro, um conjunto de cadeias sintático-discursivas que levam à sedimentação de determinados efeitos

de sentido. É importante, portanto, pensarmos nestes pontos para acionarmos os principais conceitos abordados nesta pesquisa. A Análise do Discurso oferece suporte teórico para a sustentação do processo de análise e, neste trabalho, destacamos, principalmente, três conceitos: Formação Discursiva, Metáfora e Interdiscurso, sobre os quais falaremos agora.

1.2 FORMAÇÃO DISCURSIVA

Conforme Pêcheux, não há o que se convencionou chamar de sentido literal, mas efeitos de sentido que termos, palavras e enunciados recebem das FDs nas quais se inscrevem. A partir de uma FD, que determina os discursos: o que deve/pode ser dito, a ideologia permeia os sentidos estabelecidos, isto é, uma mesma palavra pode ter sentidos diferentes e clivados em relação com a posição-sujeito que o porta-voz da FD é interpelado.

Neste estudo, percebemos que o efeito de sentido de *cabelo crespo* muda de acordo com o porta-voz do discurso, tendo como parâmetro a FD em que se encontra. As SDs selecionadas tratam, sobretudo, do cabelo crespo, mas, como veremos, isto é feito a partir de FDs distintas. Observaremos isso por meio da análise, assumindo que sobre a metáfora em pauta há duas FDs em confronto: uma elogiosa e a outra demeritória.

De acordo com Orlandi (2015), “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” (ORLANDI, 2015, p. 40). Os ditos das SDs selecionadas nesta pesquisa são de sujeitos assujeitados e inscritos em determinadas FDs e os efeitos de sentido mudam conforme essa inscrição. A FD possibilita observar o processo de construção das significações e como elas estão relacionadas com a ideologia, uma vez que “os sentidos sempre são determinados ideologicamente” (ORLANDI, 2015, p. 41).

A disputa sobre o “melhor” sentido a ser atribuído à metáfora que estamos observando, no limite, faz com que o discurso se resuma a um efeito de sentido determinado por uma FD ou outra. Em dependência delas, o fio de cabelo crespo por ser bom ou ruim, já que o sentido de “cabelo crespo” significa conforme a FD de inscrição do sujeito. De acordo com Brandão (2012), “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza” (BRANDÃO, 2012, p. 46). Como exemplo, vejamos a fala da cantora e compositora brasileira Isabela

Cristina Correia de Lima Lima, mais conhecida como Iza, que passou pelo processo de transição capilar:

Passei a vida inteira sendo a única negra da escola onde eu estudava. Sempre acreditei muito naquilo que os outros falavam, nunca questioneei o motivo de eu estar alisando o meu cabelo.

Neste recorte, percebemos a presença de duas FDs distintas: a que vê a necessidade de alisar os fios crespos naturais e a que se vislumbra ao fundo e que defende que os fios naturais crespos devem ser assumidos socialmente. O discurso da cantora mostra alguém na condição de enfrentamento da transição capilar. Estar em uma determinada condição de produção e ser interpelada pelos discursos dos sujeitos que nela estão fez com que a cantora alisasse os fios naturais, uma vez que, conforme ela destaca em seu discurso, era a única negra na escola em que estudava.

Alisar os fios nunca foi motivo de reflexão para ela, o que mostra a força de naturalização de um sentido na presença de uma ideologia que diz como deveria ser o seu cabelo no ambiente em que estava inserida, reiterando sua condição de sujeito interpelado. Nessa condição, observamos uma FD em que o natural crespo não deve ser mostrado. Os termos ‘passei’ e ‘acreditei’ indicam a inscrição atual em uma FD diferente e, desse modo, destacamos que “ser crespa” passa a ter um novo sentido, o que antes não era aceito, em face dos pressupostos criados pelos recursos linguísticos utilizados.

Percebemos a existência de duas FDs que se pronunciam sobre o cabelo crespo. O discurso sobre a transição capilar ocorre, assim, por meio do processo de mudança de inscrição em outra FD, isto é: o sujeito que estava na FD para a qual o cabelo cacheado/crespo deve ser alisado por meio de procedimentos se inscreve, agora, em uma FD que “aceita” os cachos socialmente. Assim, notamos regiões diferentes que dizem/determinam os dizeres dos sujeitos sobre os cabelos. O cabelo natural crespo é discursivizado de diferentes modos, com caracterizações positivas e negativas, e são as FDs que determinam esses ditos.

Tendo em vista que são distintas as FDs que circulam socialmente, sendo marcadas ideologicamente, Orlandi (2015, p. 40) afirma que “o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”. As FDs, portanto, possibilitam a compreensão dos sentidos, pois “tudo que dizemos tem, pois, um

traço ideológico em relação a outros traços ideológicos” (ORLANDI, 2015, p. 41). É dizer: não temos um sentido único para cacheado/crespo. O sentido de ser “crespa” socialmente transita entre FDs, o que nos remete ao deslocamento metafórico entre FDs e o Interdiscurso, que abordaremos a seguir.

1.3 METÁFORA E INTERDISCURSO

Observarmos os efeitos de sentido que a língua adquire e as variações de significação a que está submetida nos leva, desse modo, a refletirmos sobre a *metáfora* e a percebermos como o sentido se produz a partir de uma região de clivagem e de dispersão. De acordo com Pêcheux (2015)

é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (metaforizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (PÊCHEUX, 2015, p. 158, grifos do autor).

Tendo em consideração o postulado do autor, podemos afirmar que o sintagma ‘cabelo crespo’, dependendo da região discursiva em que circula, tem o efeito de sentido modificado em função das injunções metafóricas a que está submetido e à relação interdiscursiva que o constitui. Embora, do ponto de vista linguístico, os termos sejam os mesmos, o efeito não é o mesmo, em face do deslocamento metafórico entre FDs distintas. Vejamos:

Quadro 1- Regiões Discursivas A e B e os sentidos sobre cabelo crespo

Região Discursiva A	Região discursiva B
<i>Cabelo crespo</i> Ruim	<i>Cabelo crespo</i> Bom

Fonte: elaborado pela autora

Podemos perceber que o cabelo crespo não tem um sentido estável e homogêneo, já que ele pode ser “bom” ou “ruim”, constituindo-se numa metáfora que deve ser observada a partir de determinada região do discurso, isto é, dentro de uma FD. Logo, dizer sobre o cabelo crespo não significa que já haja um significado; para chegar a ele, é preciso acionar a FD em que o sujeito se insere.

É neste rumo que Cattelan (2021, p. 5) afirma que “não há, portanto, o sentido, mas um efeito produzido numa conjuntura”.

O sentido, portanto, é naturalmente metafórico e funciona como efeito de sentido, cujos deslocamentos ocorrem por meio da mobilização do discurso em determinadas condições de produção. Destacamos, assim, que não há sentido literal e que a essência da linguagem é a metáfora. Neste trabalho, entendemos “crespo” e “liso” como nossas metáforas e, logo, que elas significam o que a FD determina, isto é: perceber o efeito de ‘crespo’ ou ‘liso’ é possível a partir do lugar que o sujeito ocupa. O sentido “nasce” já-definido por uma FD.

Nesta toada, conforme Cattelan (2021), “o interdiscurso está intrinsecamente ligado à metáfora, pois, dada a importância e o deslocamento que ela provoca, tem nele o ‘princípio de funcionamento’” (CATTELAN, 2021, p. 5). De um lado, o interdiscurso é a força de confronto que se tece entre as FDs; de outro, deste embate, resulta a metáfora, a clivagem, a divisão, a dispersão, a heterogeneidade e o sentido outro, consequência do deslocamento provocado pelo interdiscurso. O autor (2021, p. 6) aponta ainda que:

O interdiscurso remete, portanto, à relação entre discursos com fronteiras relativamente delimitáveis (formações discursivas técnicas, políticas, religiosas, sanitárias, morais, médicas, pedagógicas...), cuja importação de pré-construídos permite que uma metáfora coloque o objeto discursivo sob outras luzes e propicie outra rede de sentidos.

Precisamos ressaltar como o interdiscursivo aborda a relação entre os discursos: “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2015, p. 29). Nesta pesquisa, o cabelo crespo pode ser “bom” ou “ruim”, desejável ou não, em relação entre os dizeres, uma vez que é ideológico o funcionamento dos significados, que são entendidos a partir de onde são ditos. Conforme Orlandi (2015), “as palavras conversam com outras palavras” (ORLANDI, 2015, p. 41).

Destacamos, ainda, que, de acordo com Orlandi (2015), “os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos” (ORLANDI, 2015, p. 41). O cabelo “bom” ou “ruim” faz parte dos dizeres que circulam socialmente e nesses deslocamentos de efeitos podemos identificar a metáfora presente. Já mencionamos a região discursiva nomeada

de “A” e o efeito produzido a partir do termo “crespo”. Observamos, agora, um recorte em que esse efeito se materializa na contradição interdiscursiva entre duas metáforas ou dois efeitos contrastantes:

A gente escuta muita coisa, dá muito ouvido para a opinião dos outros. Quando você se ama e alguém vier dizer que o seu cabelo é ‘feio, ruim ou esquisito’, você vai falar: ‘Está louco, né, meu amor? Eu sou maravilhosa’. A gente acaba aprendendo a rebater essas coisas porque você sabe quem você é, sabe o valor que você merece, sabe que sua cotação é dólar, meu amor!

Este discurso foi reproduzido também pela cantora Iza. Na FD que aceita a transição capilar, a cantora menciona o sentido presente na região discursiva “A”, quer dizer: o cabelo crespo “ruim”. Além disso, outros termos pejorativos são acrescentados: “feio” e “esquisito”, em que podemos perceber que o cabelo crespo é dito pelo olhar do outro, que estabelece sentidos específicos tendo em vista a curvatura dos fios, mas que é rechaçado a partir de um outro diapasão de valoração, por discursos que se filiam a outra FD.

O sujeito deste discurso é interpelado pelo discurso social e se inscreve na região discursiva “B” em contradição com a região “A”, o que mostra o efeito metafórico acontecendo: o cabelo crespo em clivagem e dispersão e isto nos leva a Orlandi (2015, p. 42), para quem a metáfora “significa basicamente ‘transferência’, estabelecendo o modo como as palavras significam”.

Em face deste quadro de postulados, neste trabalho, buscamos observar o deslocamento metafórico e os efeitos de sentidos dos discursos sobre o cabelo crespo, ressaltando que, em cada caso, os sujeitos estão inscritos em FDs distintas, sendo constituídos por uma ideologia ou outra. A condição de produção dos discursos é o contexto da aceitação ou não da transição capilar e, portanto, o movimento entre duas FDs distintas que provocam lacunas metafóricas entre si sob a força do interdiscurso que as impulsiona.

2 ANÁLISE DO CORPUS

As sequências discursivas selecionadas para esta pesquisa dizem respeito ao cabelo cacheado/cresto e liso em processo de transição capilar, que se refere à volta ao cabelo natural cacheado/cresto que foi alisado por meio de procedimentos químicos. A prática de transição em questão é conhecida no “universo dos cabelos”. Nesse contexto, para que esse processo exista, é necessário, em um momento anterior, o alisamento químico ter acontecido (e o discurso sobre ele) e, a partir de então, é que podemos compreender a ocorrência da transição (o novo discurso que se anuncia), isto é: a transição só ocorre devido ao cabelo ter sido alisado por meio da química.

Na imagem em destaque abaixo, utilizada na matéria da Revista Veja da qual retiramos algumas SDs, podemos perceber a mesma mulher, porém com tipos diferentes de cabelos:

Imagem 2: Imagem da matéria “De volta às raízes”



Fonte: *Veja online* (abril de 2018, n.p.)

Observamos que se trata da mesma atriz, mas notamos que a de cabelo

cacheado é discursivizada diferentemente da de cabelo liso. A vestimenta da mulher que tem cachos possui decotes e brilhos e a parte inferior da vestimenta é feita estilo biquíni; a de cabelo liso é vestida de modo diferente: ela não usa o mesmo tamanho de decote e não tem brilho e a parte inferior da roupa é a complementação do vestido “bem comportado”. Percebemos, a partir disso, a reconstrução de perfis distintos de mulher por meio da roupa utilizada, que reverbera o efeito de uma mulher não “recatada” e sensual para a caracterizada na primeira parte da imagem, e recordamos, por outro lado, a mulher “Bela, recatada e do ‘lar’”, em que ela é apresentada como “recatada” devido, também, ao comprimento das roupas utilizadas.

Logo, a imagem selecionada contribui para a ratificação do discurso que diferencia as mulheres de cabelo crespo/cacheado das outras. Se a imagem de cada cabelo é exposta desse modo, tal fato se sustenta em FDs que circulam socialmente de maneira diferente. Por outro lado, a imagem da mulher por meio da roupa como foi demonstrada revela o que uma parcela da sociedade acredita, padroniza e concebe como “correto”.

Em consonância com a imagem, a ocorrência de determinados discursos, como já dito, abordaram a transição como temática. Dentre estes, a primeira SD em análise (a seguir) aponta para a despedida do cabelo liso e aborda a mudança capilar que leva do cabelo liso à escolha do crespo. Vejamos:

SD1: Adeus alisamento. Cada vez mais mulheres negras recorrem à transição capilar, o nome esquisito de um processo de embelezamento e expansão da autoestima.

Dar “adeus” ao alisamento é entrar no processo de transição capilar (abandono do alisamento), “nome esquisito”, conforme a SD; mas, se o nome representa o processo, podemos afirmar que não só ele seria esquisito, como a prática também. Para realizarmos essa e outras reflexões, a AD nos disponibiliza um dispositivo teórico-metodológico para o processo de análise. Seguindo os pressupostos da teoria, buscamos relacionar a língua, o discurso e a ideologia, uma vez que observar os discursos que circulam sobre o cabelo crespo/liso permite perceber como os sentidos são produzidos pelos, para e sobre os sujeitos.

A partir da passagem “Processo de embelezamento e expansão da

autoestima”, a transição capilar recebe qualificações positivas, mas é preciso destacar que elas não se aplicam ao processo especificamente, pois quem as recebe são as mulheres que adotam a transição. Na condição de ter tido antes o cabelo liso por meio de processo químico, a mulher passa a ser significada e dita como não-bela, ou não totalmente bela. Ela - já não (completamente) bela - teria, por isso, uma baixa autoestima, que poderia (é prometido pelo discurso) passar por um momento de “expansão”.

Percebemos que, nesta primeira SD, o discurso sobre transição capilar é dirigido a um grupo específico de mulheres, as negras, o que, por conseguinte, afasta as outras mulheres do processo. A SD1 afirma que a autoestima da mulher negra terá uma melhoria apenas se ela passar pelo processo de transição e se aceitar voltar ao cabelo natural; e essa volta não é uma simples volta; é um “adeus”, o que parece produzir o efeito de uma solução definitiva. Nesse sentido, a transição capilar vai além de um processo químico; trata-se de assumir uma identidade apagada por meio do cabelo anterior.

Dar “adeus” pode indicar uma saída sem volta ao alisamento; logo, o processo recebe uma caracterização que, de certo modo, não é compreendido em sua definição de origem. É necessário lembrar a definição de “processo”, pois, não há um dizer que estabelece por quanto tempo a pessoa que escolhe passar por ele deve permanecer. O discurso, neste sentido, parece tornar a mulher a refém de um processo que não tem um tempo previsto de duração. Além disso, está implícito que, se no meio do caminho houver a desistência por parte da mulher, a autoestima e o embelezamento ficarão incompletos, o que coloca de pronto a necessidade de submissão a tudo que o processo prevê.

O processo de transição capilar exige que a mulher deixe o cabelo crescer naturalmente e isto demora. O “adeus ao alisamento” pode até ser “cancelado” por causa do retardo. Diante desse fato, pensamos no não-dito que também faz parte do processo de análise. Orlandi (2013), ao refletir sobre o dispositivo de análise, afirma que devemos “ouvir” sobre o que o sujeito não diz a partir do dito. Dizer “adeus” ao alisamento para ficar bela e ter uma autoestima completa nos diz que desistir fará com que a autoestima não seja expandida, o que não deixa de ser uma chantagem e um recurso mercadológico para vender produtos, por meio da ameaça subliminar e velada à consumidora.

Sob este suposto discurso de resistência, mas que é impositivo (aceite o

seu cabelo natural), percebemos o discurso outro que rompe com o processo de aceitação livre do cabelo, isto é: a mulher deve aceitar o seu cabelo natural para expandir a autoestima, caso contrário ela continuará no estado em que se encontra. Mesmo que seja um discurso que queira mostrar uma “livre” escolha, por meio da análise, é possível perceber que não se trata de algo “livre”, mas de um processo que é exigido para que a mulher possa passar pelo processo de “embelezamento”, aceitando o que ele trouxer de gasto e consumo, mesmo que isso não circule livremente no intradiscurso.

Outro excerto que também destacamos é o “cada vez mais”, que sugere que tem havido um aumento na procura pelo processo anunciado e as mulheres negras que estão na busca pela transição recebem, desse modo, um destaque diante do processo, já que, supostamente, ficam mais belas e com a autoestima elevada. No limite, ao refletirmos sobre os efeitos dessa SD, e considerando o não-dito posto em prática, eles produzem o efeito de que as mulheres negras (sobretudo aquelas que fizeram/fazem alisamento) não são bonitas e nem têm “autoestima elevada”, já que somente a passagem pelo processo divulgado é que garantirá a obtenção de tal resultado/sentimento.

Eis as questões: toda mulher negra que tem o cabelo alisado por meio de processo químico não é bonita e nem tem a autoestima “expandida”? A mulher negra deve, necessariamente, aceitar o cabelo crespo? Ao refletirmos sobre essa problemática, podemos perceber um determinado desequilíbrio em relação ao aceite do cabelo crespo, que se contrapõe à opção pelo cabelo liso. Parece que o discurso, em última instância, indica um “pertencimento” natural relativo ao cabelo; em outras palavras: o cabelo liso só é bonito para a mulher branca e é ela que deve usá-lo, já que, em seu caso, ele é natural; o cabelo liso não pertenceria à mulher negra. Ela pode até ter tido o cabelo liso, mas sua beleza era incompleta para os padrões socialmente estabelecidos, como é possível observar nos discursos da FD em questão.

O discurso presente na primeira SD produz o efeito de sentido de que as mulheres negras que utilizam o cabelo liso por meio de processo químico não são bonitas e que o seu grau suposto de autoestima é inferior, valendo-se de uma régua de medida, que não é delas, mas do grupo social em que se acham inseridas e que as observa. Essa sociedade, assim, seria capaz de mensurar a autoestima da mulher que tem cabelo alisado e percebê-la como incompleta. A

transição capilar, nesse discurso, não é, portanto, uma alteração dos tipos de fios, mas um “expansor” de autoestima e beleza, elemento que deixaria, em teoria, a mulher mais satisfeita: é o que o discurso promete.

Os efeitos de sentidos presentes na SD1 nos dizem sobre as mulheres negras e os seus cabelos e criam uma imagem de beleza delas que só ocorre se o processo de transição ocorrer e a aceitação dos fios naturais acontecer. A SD, portanto, mostra ditos e não-ditos que revelam o olhar do outro sobre a mulher negra; um olhar que padroniza a beleza e determina como ela deve ser, alienando-a, por consequência, ao consumo de um conjunto de determinados produtos destinados ao tratamento do cabelo crespo.

Se, para passar pelo processo de transição, há a necessidade de ter tido, antes do liso, o cabelo crespo, refletimos agora sobre o que se diz sobre este:

SD2: Cabelo ruim, alisamento, escova. Todos esses termos usados com a explícita finalidade de esconder os fios crespos na cabeça das mulheres de pele negra estão sendo cortados do seu dia a dia.

Esta sequência mostra, também, o direcionamento do discurso para um perfil específico de mulheres - as negras - e a sua vontade/necessidade, dadas como supostas, de aceitar o cabelo natural. Agora, alisar o cabelo não é mais a busca que se tem, mas a aceitação de um elemento identificador que traz beleza e autoestima. Destacamos, aqui, o uso do termo avaliativo (adjetivo) utilizado junto ao termo (substantivo) ‘cabelo’: “ruim”, que qualifica dessa maneira um tipo determinado de cabelo. O qualificativo se destina às características negativas tidas como óbvias dos cabelos/fios crespos e tão somente eles são adjetivados desse modo pejorativo.

Percebemos a construção de um processo gradativo logo no início da sequência discursiva entre “cabelo ruim, alisamento, escova”, que parece criar uma espécie de obrigação necessária entre ter uma coisa e fazer outras. O primeiro passo para fazer uma escova (tida como obrigatória) é ter o “cabelo ruim” e, por meio do enunciado, podemos perceber que o cabelo “ruim” é o cacheado/crespo. Embora pareça haver a criação de um efeito de ruptura com o padrão socialmente estabelecido (liso), já que os recursos para buscá-lo estariam sendo “cortados”, o discurso repete as concepções pejorativas gerais em relação ao cabelo crespo.

Ademais, a sequência usa “cabelo ruim” como ocultação/substituição via efeito metafórico de “cabelos crespos”. Por essa via, poderíamos afirmar que os discursos sobre o cabelo crespo passam por um processo de apagamento, tanto por ser, de algum modo, não aceitos socialmente que nem devem ser mencionados, como já estão cristalizados e é do senso comum que o cabelo crespo é ruim. Assim, afirmar que é “ruim” é aceito e não há estranhamento sobre isso.

O corte mencionado no enunciado se refere a “termos”, porém a escolha lexical de remissão evoca o campo semântico relativo ao cabelo cacheado/crespo por meios dos termos evocados. E não se trata de uma solução paliativa, mas definitiva, já que “cortados” remete a uma saída drástica que relembra o dito popular “cortar o mal pela raiz”: eliminar. Trata-se, portanto, de o cabelo liso obtido por meios não naturais não ser mais um recurso por parte da mulher que os possui, em que pesem as razões econômicas para fazer a defesa dos cabelos crespos.

A SD evidencia o propósito (que já teria deixado de ser aceitável) de esconder os fios crespos. Querer passar pela transição capilar passa a receber novas significações. Agora, quem decide mostrar o seu cabelo natural também decide não esconder mais o que de fato tem e o constitui. Em contraponto, assim, percebemos a presença de uma FD que indica o que pode e deve ser dito sobre o cabelo crespo, isto é: ele é “ruim”, deve ser escondido e deveria passar pelo alisamento e pelo uso de escova.

Nesta FD (negada pela que defende a aceitação do cabelo crespo), não há “espaço” para o cabelo crespo “bom”; logo, o crespo é considerado “ruim”, pois, em contraposição, o liso é o “bom”. Analisarmos esses dizeres é refletir sobre o que se diz socialmente. A SD em análise representa um discurso que não é de um sujeito individual, mas daquilo que circula socialmente. Assim, os recursos avaliativos “bom” e “ruim” ocorrem sem a necessidade de especificar de que tipo de cabelo se está tratando, pois os termos, “logicamente”, evocam a classificação dos fios, ou seja: se é dito “x” (bom), ele remete a cabelo liso; e se é dito “y” (ruim), ele se refere ao cabelo cacheado/crespo.

Outro efeito de sentido que observamos, neste percurso negativo, é o fato da segregação que os termos destacados apontam em relação às mulheres que têm esse tipo de cabelo. A SD afirma, por meio da retomada de um discurso

anterior com o qual polemiza: “esconder os fios crespos na cabeça das mulheres de pele negra”. O discurso limita novamente o grupo de mulheres que devem esconder determinados fios: as negras. Se observarmos a sociedade brasileira e a sua historicidade, parece óbvia a miscigenação presente e que há mulheres que têm o cabelo cacheado/crespo e não são negras e não parece ser o caso, então, que essas mulheres também precisem esconder os fios crespos, afinal, conforme o discurso presente na SD, somente as mulheres negras “não podem ter o cabelo natural/assumi-los”, como dito na FD questionada.

Mulheres que possuem cabelos crespos/cacheados e são brancas, neste sentido, são “aceitas” pela sociedade e não teriam por que alisar o cabelo, já que, neste caso, o olhar do outro “aprova” o uso do cabelo cacheado, o que mostra que, no limite, o fiel da balança é mesmo a cor da pele e não o cabelo crespo. Percebemos a presença da “autorização” de uso do cabelo visto como “ruim” para as mulheres brancas, mas não para as negras. Logo, o “problema” alegado que constitui uma FD parece não ser o cabelo crespo, mas o cabelo crespo numa mulher negra. É sintomática, neste caso, a apreciação positiva que temos de uma criança, por exemplo, numa determinada publicidade, que possui cabelos cacheados e se assemelha a um “anjinho”.

Pensarmos sobre esses discursos nos leva a perceber a presença do ingrediente ideológico que, constituinte, atravessa os discursos e os coloca em relação polêmica, criando, neste caso, uma dualidade de FDs e sabemos que o discurso, ao sabor do que o constitui em cada caso, estabelece o que é como deve ser (PÊCHEUX, 2009). O cabelo crespo - sob determinado viés ideológico - não deve ser “usado” se a mulher for negra. Os termos ‘cacheados’/‘crespos’ recebem uma carga significativa conforme a filiação discursiva dos sujeitos que os proferem, aliás, é por meio do discurso proferido pelo sujeito conforme o que dita a FD que o interpela que podemos acessar os efeitos de sentido possíveis. O sentido literal não existe, ou seja, estamos sempre em presença de metáforas que, por meio de deslocamentos interdiscursivos, definem os efeitos de sentido em jogo e que deve ser veiculado pelos sujeitos por meio dos discursos que eles produzem (PÊCHEUX, 2009).

Desse modo, a semântica discursiva de ‘bom’ e ‘ruim’, no que se refere ao cabelo crespo, é definida pela FD que transforma o sujeito em porta-voz de um discurso em especial. É pela observação das condições de produção (em

sentido amplo, o contexto sócio-histórico e ideológico, e, em sentido estrito, a situação comunicativa) que observamos o confronto polêmico entre duas FDs que tecem efeitos de sentido sobre o cabelo crespo: dizer que ele é um cabelo “bom” terá uma carga semântica em relação à filiação discursiva de quem diz, ou melhor, a partir da FD a que o sujeito porta-voz se filia.

Numa das FDs, o qualificativo ‘bom’ é aplicável ao cabelo ‘liso’ e ‘ruim’ ao cabelo “crespo/cacheado”, o que muda de foco avaliativo se a FD for a outra, a sua oponente. Percebemos, assim, que há um deslizamento metafórico entre duas FDs e que esse entrecruzamento de diferentes efeitos provoca entre elas uma relação interdiscursiva, que se confrontam polemicamente. Podemos, assim, contemplar uma “disputa” de sentidos entre as FDs que, neste caso, abordam o cabelo crespo. O discurso que diz “x” sobre o cabelo nega o discurso de “y”, o que significa que o “cabelo bom”, num caso, é o “cabelo ruim”, no outro.

Sabemos que os discursos são “determinados” por formações ideológicas (BRANDÃO, 2012) e que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Neste sentido, ao tratarmos da classificação/avaliação, dos discursos sobre os diferentes fios de cabelos, percebemos significações/interpretações/juízos distintos, uma vez que os sujeitos que se pronunciam sobre eles são afetados ideologicamente. Logo, o discurso sobre o cabelo crespo é afetado ideologicamente e, por decorrência, ocorre a desvalorização do discurso que busca exaltar com o enaltecimento daquele que desvaloriza, ou o contrário: há o enaltecimento daquele que busca valorizar, com a crítica àquele que o toma demeritório.

No descompasso criado pela polêmica entre estas duas FDs, podemos observar, portanto, um deslocamento metafórico interdiscursivo, que ora está do lado do eixo positivo e ora está do lado do viés negativo: um direito e um avesso. Observemos, então, os dizeres, neste caso, sobre a transição capilar:

SD3: O cabelo crespo é um símbolo importante da identidade negra. Na última década, com os movimentos sociais pelo reconhecimento da cultura afro, mais mulheres negras se sentem motivadas a aceitarem seus cabelos.

Na SD3, em que pese o diapasão positivo sobre o cabelo crespo, de novo, o tipo crespo é associado (somente) às mulheres negras (e não às mulheres brancas ou aos homens, porque, talvez, o efeito de sentido seja a obrigação de

elas serem bonitas, preocupação que não diz respeito a eles) e a transição, ao invés de ser mostrada pelo viés mercadológico que a sustenta, é justificada em nome dos movimentos que buscaram/buscam o reconhecimento da cultura afro, o que parece elogiável, se não fossem as razões econômicas que podemos detectar. Aceitar o cabelo crespo - conforme a SD - seria, sobretudo, uma questão de aceitação de identidade, enquanto, no plano implícito, o não-dito sussurra ameaçadoramente que as mulheres negras que não assumem o seu cabelo natural não aceitam a identidade que têm. Neste sentido, negar a marca natural é recusar uma pertença coletiva, definida pela FD como identidade com um grupo social específico: aquele que tem uma raça, aceita-a e luta pelo reconhecimento social das suas características.

Novamente, percebemos que a avaliação sobre um tipo de cabelo é produzida pelo olhar do outro; é ele que define o que é ter determinado cabelo. Neste sentido, assumir o cabelo crespo é um símbolo importante devido às lutas, o que implica que não aceitá-lo é desvalorizar as batalhas enfrentadas por uma raça e, de certo modo, trair as origens. Notamos, assim, que o espaço para o cabelo crespo, em termos de discurso, só é “permitido” socialmente por meio da identificação com as lutas e com os movimentos reivindicatórios, que ocorreram em face da não-aceitação do crespo pela sociedade, tendo sido uma espécie de estigma e de marginalização.

Percebemos que a aceitação de um determinado cabelo não acontece por quem o tem, mas resulta de uma imposição social, isto é: uma sociedade o julga como “não adequado” e, então, movimentos acontecem e o cabelo passa a ser, com dificuldade, “aceito”. A mesma sociedade que trata do tipo de cabelo julga o processo químico de alisamento como conveniente ou não, encontrando razões “bem-intencionadas” para defender isto ou aquilo e, como podemos perceber aqui, esconde uma mola propulsora econômica.

Percebemos que, nessa FD, alguém pode não ter o cabelo crespo, mas, caso o tenha e ele tiver sido alisado por meio de tratamento químico, parece haver uma traição étnica, uma vez que há uma fuga à identidade que deveria ser aceita. Notamos, assim, dois discursos em conflito e o ponto de contato entre eles é o julgamento emitido sobre um cabelo a partir de uma perspectiva dominada, em última instância, por ditames financeiros. O não-dito, assim, diz muito sobre esse ponto; podemos perceber efeitos de sentidos que estão além

do dito e que nos mostram um ponto de vista interesseiramente avaliativo.

Neste sentido, a falta de aceitação do cabelo crespo por parte da mulher negra implicaria automaticamente na rejeição da cultura afro original. Porém, a SD (o discurso) que aborda o “reconhecimento” não destaca o seu agente, mas tão somente a ação, criando uma fórmula geral que esvazia a atuação dos próprios sujeitos que possuem este tipo de cabelo para a mudança acontecida via processos de resistência e atribuindo a movimentos negros inespecíficos a maior pluralidade da sociedade que teria passado a reconhecer o cabelo crespo como identidade de uma raça. Assim, teríamos um sujeito que, ao alisar o cabelo, “foge” da sua identidade, e a sociedade nada teria a ver com isso; ao mesmo tempo, a identidade reconhecida agora parece ter sido criada por um grupo social indefinido e não por sujeitos específicos, por meio dos movimentos de resistência desenvolvidos.

Reiteramos que a SD reconhece este “novo olhar” para o cabelo crespo como devido a alguns movimentos. Entretanto, percebemos que a aceitação, aqui, não é entendida tão somente como o aceite que se deve ter dos cabelos crespos, já que aceitar é usar. Nesse sentido, quem ainda faz o alisamento não teria aceitado os cachos. A motivação para a aceitação teria ocorrido por meio dos movimentos políticos de luta de uma raça, o que implica na obrigação de que o aceite recuse procedimentos químicos de alisamento e que apagam essa origem. O discurso, portanto, marca uma distância que segrega a recusa.

Trazemos para a reflexão a primeira marcha do Orgulho Crespo Brasil que aconteceu na cidade de São Paulo em julho de 2015. Embora o evento tenha acontecido pela primeira vez no ano de 2015, foi apenas em 2018 que foi aprovada a Lei nº 16.682 que institui o “Dia do Orgulho Crespo de São Paulo”. A autora da lei é Leci Brandão, segunda deputada negra da história da Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP). Sobre este “projeto de lei”, que pode ser encontrado no portal da ALESP, destacamos:

O objetivo da inserção do Dia do Orgulho Crespo no Calendário Oficial é que a data seja um marco que possibilite aprofundar o debate e inspirar a criação de estratégias de combate ao racismo pelo viés estético e que esta seja um ponto de partida para que a sociedade compreenda que cabelo não pode nem deve ser motivo de discriminação e/ou exclusão de qualquer oportunidade. Que nossos cabelos crespos sejam símbolo de luta e estimulem a articulação de outras pautas que visem corrigir as desigualdades do país, sobretudo, as injustiças cometidas contra as pessoas negras e contra as mulheres

(Lei nº 16.682/2018 - ALESP).

A autora da lei destaca em seu discurso a importância do debate sobre o racismo que acontece, infelizmente, por motivo do cabelo. Ademais, ela menciona - em outro momento do projeto de lei - uma pesquisa realizada em 2012 pela Kantar WorldPanel, que apontou que 51,4% das mulheres brasileiras têm os cabelos cacheados/crespos. Logo, mais da metade das brasileiras têm os cabelos crespos.

Se essas mulheres “aceitam” (ou deveriam aceitar) o seu cabelo natural (conforme a SD3), por esta via, é porque existem movimentos como esse que ocorreu em São Paulo e rechaçá-los é recusar uma identidade e um movimento político de emancipação. Reiteramos que o discurso da SD3 aponta apenas para o cabelo crespo das mulheres negras, atribuindo apenas a elas a aceitação de uma luta de resistência. Retomamos “aceitar”: para o discurso em análise, desse modo, a aceitação não ocorre por uma livre escolha. Novamente, as mulheres que optam pelo tipo de cabelo não são livres em suas escolhas. A decisão ocorre por influência de discursos que circulam socialmente e dizem o que “deve ser”.

Ter cabelo crespo/cacheado e, por decorrência, usá-lo é, dessa maneira, a aceitação do alcance político, sendo o contrário a sua negação. Mulheres que se aceitam, aceitam a identidade que têm, são esclarecidas politicamente e, pois, devem usar o cabelo de modo natural; no plano implícito do enunciado, a crítica, a chantagem e a discriminação velada em relação ao suposto descompromisso com a causa e a rejeição de pronto da liberdade pessoal de escolha. Assim, a opção que implica o aceite do natural não é propriamente uma “decisão”, já que está permeada pelos acontecimentos de luta que teriam oferecido a “liberdade”. Como podemos perceber, é a ideologia (e o consumo) que “decide” o que é o melhor para os fios das mulheres. Percebemos um efeito de “seja livre”, mas seja livre para fazer como queremos e como achamos adequado. Percebemos, assim, que *cabelo crespo* é uma metáfora que recebe o seu efeito de sentido em estrita dependência da FD a que pertence e pela relação interdiscursiva polêmica que tece como seu outro, recusando-o.

O discurso que aborda a suposta liberdade obtida via movimentos de resistência de uma etnia e que justifica, desse modo, o uso do cabelo, já que os movimentos permitiram, também mostra este outro olhar sobre a “liberdade”:

SD4: A moda, agora, é gostar de si mesma.

Entretanto, conforme podemos verificar nesta SD, agora, os movimentos sociais referidos antes aparecem imbricados com o discurso da moda, que define como deve se dar a aceitação dos novos padrões, em face da “moda de gostar de si mesma”. Passar pelo processo de transição capilar, então, equivale a amar a si mesma e aquele que ainda opta pelos procedimentos químicos que tornam lisos os fios crespos não se ama e desrespeita a própria raça e as suas lutas.

Se passar pelo processo, atualmente, é estar na moda, eis a problemática: deixar o cabelo crespo ao natural é uma questão de moda ou de identidade? E a identidade de que se trata, então, nada tem a ver com ela, mas é uma definição que estabelece como o uso deve acontecer, com o investimento necessário. Nas SDs anteriores, notamos que se realçava a questão de identidade em relação ao cabelo; agora é um ditame da moda e esta não se relaciona, em definitivo, com lutas políticas. Ao refletirmos sobre o sujeito referido nesse discurso, pensamos no sujeito da AD. Conforme Orlandi (2013), com base nos estudos de Pêcheux, o sujeito é assujeitado. Logo, o sujeito que “está na moda” é aquele que está previsto por uma FD que diz o que é estar na moda/fazer parte da moda. E isso, conforme Pêcheux (2009), é um efeito ideológico de subjetivação/interpelação.

O termo “agora” revela que a aceitação dos fios crespos anteriormente não era vista como atendendo ao “padrão” desejável, uma vez que estar na moda é estar enquadrado no que o social considera “correto”. Percebemos, novamente, que ter o cabelo crespo e assumi-lo como tal e estar na moda não poderiam estar presentes na mesma FD, a não ser sob contorcionismos que absorvem as lutas sociais em benefício do mercado consumidor, ampliando o leque de efeitos de sentido que a metáfora alcança.

Parece que devemos refletir sobre os sujeitos estabelecidos nesses dois discursos. Falamos de uma posição-sujeito que se diferencia, ou seja: o sujeito do discurso que defende a aceitação do cabelo crespo não é o mesmo que se coloca ao lado do liso: são filiações distintas. Afinal, conforme apontamos até aqui, o porta-voz do discurso sobre o cabelo “ruim” é um sujeito assujeitado pela ideologia que trata desse cabelo sob uma perspectiva pejorativa, enquanto o porta-voz do cabelo liso o aborda apenas de modo positivo. Pensarmos nesses

dizeres e nos sujeitos que os realizam é pensar nas duas FDs presentes e, logo, em duas metáforas que se contrapõem e significam de modo diferente. E, até o momento, percebemos duas FDs em questão: uma em que o cabelo crespo é ruim e o cabelo liso é bom e outra onde a leitura ocorre ao contrário.

Nesta toada, as mulheres que escolheram alisar os seus fios são julgadas como não amantes de seus corpos e de sua raça e que não querem/podem assumir suas identidades, com os demais efeitos negativos que isso possa trazer. Fios alisados, desse modo, são uma sentença que confirma o não-amor pelo corpo e pela identidade étnica. Temos então: “você é livre para se amar, mas deve fazê-lo da maneira que o social determina”, criando, como vemos, uma espécie de contradição em que a liberdade vem determinada por uma imposição. Notamos, assim, que o tipo de cabelo crespo é julgado, assim como as mulheres que optam pelo liso também são. O crespo não pode ser mostrado ao natural, mas, se não é mostrado, revela falta de amor próprio e à raça. Parece não haver saída entre “escolher” ou “ser escolhido”: interpelação.

A próxima SD está inserida em uma condição de produção cujo porta-voz do discurso passou pelo processo de transição capilar. O processo se efetivou no ano de 2020, no contexto da pandemia da Covid-19. Vejamos:

SD5: A gente tem passado mais tempo juntos, sozinhos e eu tenho percebido que você é muito legal.

Dada condição provocada pela pandemia da Covid-19, de isolamento, o porta-voz do discurso afirma que perceber que o cabelo é legal aconteceu devido aos momentos “sozinhos” com ele, o que mostra, de antemão, que aceitar a raiz crespa não surge como a primeira opção do sujeito. Recordamos, então, as SDs anteriores que tratam da aceitação do cabelo como um ato de identidade. Nesta SD, mostrar o cabelo para a sociedade não foi algo possível em momentos anteriores, isto é, foi necessário o isolamento para ser possível assumir os fios, porque o grupo social, agora, não está observando, o que significa que é só na condição de ser solitário que se pode ter alguma liberdade de escolha.

Apenas em 2020 o sujeito desse discurso resolveu publicá-lo nas redes sociais, mas o processo já acontecia desde 2018. A partir da leitura e da análise dos dizeres presentes na publicação, notamos a presença de um discurso de aparente libertação de um sujeito assujeitado, isto é: o sujeito do discurso em

análise afirma se “libertar” de um momento em que fazia parte de uma FD e, agora, parece colocar em evidência a “sua” “nova” FD. Tudo parece ficar na dependência do que ocorrerá no retorno ao convívio social.

Nesse sentido, o porta-voz do discurso pretende mostrar sua “liberdade” de sujeito que, de pronto, é colocada sob a ótica de outra FD, pois, sabemos que a máxima liberdade do sujeito é a “escolha” de a que FD se submeterá, uma vez que, sob o ponto de vista da AD, “o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2013, p. 30).

Em conflito, temos os discursos sobre o cabelo liso e o cabelo crespo e a aceitação do segundo foi possível a partir do processo conhecido como transição capilar. Nesta SD, o discurso sobre o cabelo crespo enfatiza o contexto histórico da pandemia da Covid-19 e destaca a presença dele no corpo observado e, por esta via, o sujeito justifica a sua suposta libertação tendo em vista a mudança realizada pelas vivências atuais, ou seja: 2020 teria sido responsável por um contato maior com cabelo e por um cuidado maior com o corpo.

Porém, essas condições de produção se referem a um período diferente do qual o processo foi iniciado. Isso confirma que para esse porta-voz, mesmo vivenciando o processo em tempo anterior ao da publicação, em 2020, é que a “coragem” apareceu e a iniciativa da aceitação foi efetivada; registramos: ao abrigo do julgamento social e num momento de discurso amplamente difundido. Pensamos nisso, pois, conforme Orlandi (1987), falar em discurso é falar também sobre as condições de produção.

Neste momento, para os qualificativos “bom” e “ruim” se associam outros significantes: “pode mostrar” e “não pode mostrar”. Assim, para uma determinada FD, o tipo de cabelo considerado ‘ruim’ pode ser usado, mas não em momentos em que o coletivo possa visualizar. Caso o contato social esteja acontecendo, a melhor saída seria, então, a ocultação, o apagamento e o silenciamento; como diz Orlandi (1999, p. 61), censura e “de-significação”.

Como podemos verificar na próxima SD, o sujeito produtor do discurso, por voltar ao cabelo natural, pede desculpas a ele:

SD6: tô aqui pra te pedir desculpas [...] eu te quero de volta, do seu jeitinho, eu juro que eu vou tentar te amar do jeito que você merece.

Para acessar as razões para o pedido de desculpas materializado na SD, é preciso perceber que ele faz parte de uma condição de produção relativa ao ano de 2020, o que mostra a mudança que o novo ano proporcionou. Neste sentido, o enunciado mostra que conhecer mais sobre o cabelo só foi possível por meio do contato que 2020 possibilitou, em face do isolamento social, pondo em destaque os eventos ocorridos por causa da pandemia. Este contato mais íntimo com o cabelo propiciou a avaliação “percebi que você é legal” (dito da SD5). Percebemos, a partir do dito, em confronto, o não-dito sobre o cabelo liso, cujo discurso rechaçado pelo sujeito em análise, questiona a FD sobre o cabelo liso ser ‘legal’ e o cabelo ‘crespo’ não ser ‘legal’. Destacamos que ser “legal”, portanto, é colocar “em uso” e agora, somado ao “x” (bom), temos o acréscimo de “legal”; logo, “y” (ruim) significa - ademais - chato.

O discurso presente na SD trata de um pedido de desculpas ao cabelo crespo e, por meio dele, é possível perceber outro movimento ideológico que interpela o indivíduo em sujeito (PÊCHEUX, 2009). Os ingredientes presentes na SD apontam para a polêmica entre duas FDs distintas: uma que defende o uso do cabelo alisado, obtido por meio de processos químicos, e a que defende a aceitação do cabelo crespo/natural/sem química. São essas FDs que dizem como devem ser os cabelos das mulheres e fazem o sujeito tender ora para um lado, ora para o outro, ao sabor das contingências históricas do momento.

Neste caso, o sujeito em funcionamento está arrependido, pois, agora, em uma “nova” FD, ele se arrepende de ter sido submisso à FD contrária, mesmo que não o saiba, uma vez que os discursos se fazem à revelia da percepção da determinação do inconsciente por uma ideologia. Conforme Ferreira (2010), a psicanálise é a possibilidade para compreender a concepção de sujeito da AD: assujeitado, submetido ao inconsciente e às condições de produção. Ele é constituído pelo apagamento do ideológico que o define. Por isso, percebemos que o sujeito que se diz livre, na realidade, não está: ele mudou de pertença.

Alisar o cabelo para se sentir “bonita” faz parte do discurso defendido por uma FD que leva o sujeito a se valer desse processo químico. Há discursos vários que mostram as atitudes de sujeitos que fazem parte da FD do alisamento por meio de tratamento químico. O sujeito que se “liberta” dela, e que se submete à outra FD, parece se dar conta da necessidade de mudanças, o que o ano de 2020 proporcionou. Desse modo, mesmo que se veja como liberto, é assujeitado,

sendo constituído por meio do esquecimento daquilo que o determina.

Pensarmos no discurso e no modo como o porta-voz diz é necessário, pois somos levados a perceber que o sujeito é “iludido” pela materialidade da língua. Observando o sujeito dizer sobre “amar” o cabelo (crespo), presenciemos a “luta” entre duas avaliações distintas sobre o fio de cabelo. O sujeito que acha que se libertou não está tão liberto como queria: apenas mudou a posição de subjetivação. O não-dito nos mostra que, antes, o amor pelo cabelo natural não existia e que, agora, haverá a tentativa de amá-lo. Assumir o crespo e amá-lo, então, será apenas uma tentativa, que pode se confirmar ou não.

Destacamos que “o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos é, portanto, o discurso” (BRANDÃO, 2012, p. 11). E é a partir dele que observamos os efeitos de sentido e tecemos as considerações efetuadas no decorrer deste trabalho. Reiteramos: há uma nova moda de “se amar” em sentido amplo; ela só se efetiva por meio da aceitação dos fios e não permite determinadas atitudes, como não cuidar dos fios crespos como vier a ser determinado ou alisá-los, por exemplo.

Ao pretender “defender” um tipo específico de cabelo, o sujeito incorre num julgamento sobre o outro tipo, considerando-o como não-padrão e “feio”. Retomamos a SD4 que diz sobre “gostar de si mesma” e a SD5 que diz sobre estar “sozinhos”. Por meio da imbricação entre elas, podemos postular que a aceitação pelo corpo/cabelo individual somente pode ocorrer em determinada FD por meio do isolamento social e do tempo para se dedicar (ou não) a eles.

Desse modo, é sob a determinação da análise das condições de produção do discurso que percebemos as relações interdiscursivas e os deslocamentos de sentido da metáfora “cabelo crespo”. As mulheres que têm os fios dos cabelos crespos/cacheados são consideradas como “donas de cabelos ruins”. Por outro lado, se passam pelo procedimento de alisamento por meio químico são julgadas como quem “não assume a identidade”. E, por fim, se decidem voltar ao cabelo natural “querem expandir a autoestima”. Esses discursos provocam um bailado entre FDs distintas: uma que cultua o cabelo liso considerado um padrão social e outra que não aceita que ele seja obtido por meio de processo químico, já que isto é tido como uma espécie de traição étnica e histórica.

O sujeito da SD5, ainda assujeitado pela ideologia dominante, parece estar migrando para outro discurso, passando por outra interpelação. Porém,

apesar de querer fazer parte de uma “nova” FD, ele ainda tem um pé na FD que cultua o cabelo liso. Vale lembrar que “todo discurso já é uma fala que fala com outras palavras, através de outras palavras” (ORLANDI, 2007, p. 15). Podemos detectar no caso uma “batalha ideológica” entre o bom e o ruim, pois esse sujeito acredita que possui o domínio sobre o discurso realizado, acredita na “defesa” do cabelo crespo, porém, por meio da análise, notamos que ainda está inseguro, o que é um resultado dos efeitos ideológicos que o enredam.

De certo modo, na contramão da insegurança demonstrada pelo sujeito da SD anterior, que fica a meio termo entre alisar e não alisar (tentativa de amar o crespo), na SD7, fatores sociais e estéticos são trazidos à tona:

SD7: Para muitas de nós, o alisamento nunca foi uma opção estética escolhida somente por nosso próprio desejo, mas sim uma imposição social disfarçada de cuidado.

O sujeito desse discurso, além de si mesmo, inclui outros sujeitos, ‘nós’, na declaração em questão. Ele não deixa de reconhecer que alisar o cabelo é uma “opção estética” que atende ao “desejo”, mas que também está submetido a uma imposição social que atende ao olhar do outro, que vem disfarçado com o discurso do “cuidado”. O alisamento recebe, assim, novas nuances que, no limite, desculpam a “escolha” feita anteriormente: busca de estética, atendimento do desejo e imposição social. Nesse viés, alisar, para esta FD, é um processo de imposição estética efetivada pela sociedade, embora não se apague o fato de haver uma necessidade de cunho individual (“somente”).

Atentamos para o termo ‘cuidado’ presente na SD. O sujeito do enunciado - que não é fonte - trata do alisamento como cuidado, o que significaria que “sair dos cachos é cuidado”. Não podemos apagar, porém, que o termo é atribuído a um outro (daí a imposição), o que explica a presença “disfarçada”, que mostra que, no fundo, o alisamento por meio químico é uma imposição social pautada na estética positiva em relação ao cabelo liso. Neste sentido, podemos afirmar que o sujeito da SD não aceita que ter cachos é ser descuidado com o cabelo e que deixar de ter não é mais do que uma determinação discursiva, embora não possamos esquecer que ele afirma que o seu desejo também conta.

Observamos que a SD em análise flutua entre FDs que, em contraponto, remetem a outros fios de sentido sobre os cabelos lisos/crespos. Até o momento,

constatamos a presença de duas FDs distintas que tratam do cabelo crespo e do cabelo liso. Podemos acrescentar mais alguns efeitos àqueles já levados em consideração durante a análise. Vejamos:

Quadro 2- Formações Discursivas A e B e os sentidos dos cabelos liso e crespo

FORMAÇÃO DISCURSIVA A	FORMAÇÃO DISCURSIVA B
Cabelo crespo – ruim	Cabelo crespo - bom
Cabelo alisado – bom	Cabelo alisado - ruim
Cabelo crespo – descuidado	Cabelo crespo - cuidado
Cabelo alisado – cuidado	Cabelo alisado - descuidado
Cabelo crespo – feio	Cabelo crespo - bonito
Cabelo alisado – bonito	Cabelo alisado - feio
Cabelo crespo – indesejado	Cabelo crespo - desejado
Cabelo liso – desejado	Cabelo liso - indesejado

Fonte: Elaborado pela autora

Se ter o cabelo liso significa “cuidado”, ter o cabelo crespo significa não ter cuidado. Dessa maneira, além de terem um cabelo “ruim”, as mulheres que têm fios crespos são consideradas “descuidadas” pela FD “A”, o que é dado pela FD “B” como “imposição disfarçada”. Neste sentido, a resposta de um sujeito da FD “A”, se questionado sobre o que é um cabelo cuidado, diria “cabelo liso”, o que não aconteceria se a resposta viesse da FD oponente.

Notamos que, novamente, as características negativas/positivas sobre um tipo de cabelo dependem da FD que se pronuncia sobre eles, sendo uma escolha racial/étnica, num caso, e uma imposição disfarçada, no outro. Mesmo que o sujeito não o enuncie, o interdiscurso que define os efeitos das metáforas em deslocamento de A para B e de B para A situam os sujeitos e os colocam sob a determinação de um ou de outro discurso.

Postando-se de forma enfática contrariamente ao previsto na FD “A” e em acordo com a FD “B”, desta vez, o interdiscurso manifesta a polêmica clara em relação a uma mirada que pregue o alisamento como o desejável.

SD8: Alisar para atingir um padrão fere a nossa autoestima.

Nas SDs anteriores, notamos que a defesa da aceitação dos cachos é justificada pela suposta “expansão da autoestima”. Agora, nesta SD, atentamos, por meio da análise, para o uso do recurso verbal “alisar”, que o relaciona a um objetivo específico: “atingir um padrão”, o que remete à imposição mencionada na SD anterior, que viria “disfarçada como cuidado”. Retomamos, desse modo, a discussão realizada até o momento.

O padrão de alisamento, portanto, passou a ser visto como estabelecido pela sociedade, que define qual deve ser o tipo de cabelo ideal (“bonito”), à revelia do sujeito, do desejo e das lutas sociais. O sujeito deste discurso - que traz consigo as vozes sociais - recusa a justificativa dada para o processo de alisamento químico, afirmando que a determinação “fere a nossa autoestima”, postando-se contra a injunção social de dever ter o cabelo liso como um padrão a ser atingido pelas mulheres negras, tendo as brancas como referência.

Neste discurso, podemos observar que o sujeito reconhece, por meio do que diz, a presença de imposições sociais construídas por meio de um discurso que idealiza o cabelo, considerando o cabelo liso das pessoas brancas como o modelo a ser seguido, em que pesem as submissões que possa ocasionar. Reiterando as SDs anteriores que voltar aos cachos é expandir a autoestima, agora, alisar - impor o liso - é um movimento violento que a fere.

Como percebemos, a autoestima é abordada, sobretudo, no discurso da FD “B”, atrelando-a de forma decisiva à aceitação dos cabelos crespos.

FD “A” \Rightarrow cabelo alisado: desejável, bonito, bom... (autoestima).

FD “B” \Rightarrow cabelo alisado por meio químico: autoestima ferida.

Observamos um efeito metafórico, conforme Pêcheux (1995), isto é, temos o mesmo léxico, mas deslizamentos de sentidos a partir da formação discursiva em que está inserido.

O sujeito do discurso em questão insere o coletivo no processo do enunciado. Devemos lembrar que o contexto de produção é o momento da transição capilar. Nessa perspectiva, observamos que dizer sobre o social é também uma saída para negar a decisão vista, por vezes, como individual, ou

seja, como já mencionado no texto, o social que julga o crespo é o mesmo que julga o alisamento. Logo, a mulher que realiza o processo químico é julgada por fazê-lo. Pensarmos nisso possibilita entendermos melhor a SD em análise. Aqui, temos um sujeito que busca justificar o procedimento químico. Mas qual seria a necessidade? Notamos que dizer sobre o social - culpá-lo - deixa discursivamente o sujeito em uma posição que não seria o “culpado pela ação do alisamento”.

Se alisar fere a autoestima, precisamos retomar o “agente” do alisamento. Assim, se a sociedade é a “culpada”, conseqüentemente, é ela a que fere a autoestima. Por meio do dizer, concluímos que o dizer social cultua ao belo - e belo, aqui, é ser liso. O sujeito do dizer - não único - evidencia um conflito: a busca pelo padrão inalcançável, pois o cabelo crespo, mesmo que liso, não é aceito. A mulher deve alisar, mas continua com “evidências”: as raízes crespas.

A seguir, a SD9:

SD9: Quando eu era pequena, comecei a perguntar para minha mãe por que nenhuma das minhas amiguinhas tinham o cabelo “ruim” como o meu.

Analisar o discurso desse sujeito é perceber que não é seu lugar ocupado que dirá sobre seu discurso, mas sim a FD em que se insere. O dizer “x” desse sujeito não significa exatamente o “x” que ele queria transmitir, mesmo com a seleção do léxico utilizado. É nesse ponto também que percebemos a importância da análise - afirma Orlandi (2012). Percebemos que o sujeito do dizer em análise faz uma volta ao passado - momento em que era pequena - e relembra o contexto em que estava inserido. O termo “ruim” aparece como o utilizado pelo sujeito para questionar o tipo de seu cabelo. É interessante pensarmos em “pequena”, já que é um exemplo explícito de como a ideologia circula no social e como o dizer não é fonte de um sujeito específico. O “ser pequena” e compartilhar o dizer de cabelo “ruim” mostra que tal sujeito está inserido em determinada FD que considera o cabelo desse modo. Logo, mesmo “pequeno”, o sujeito já reproduz a ideologia, afinal, tudo é ideológico.

Dizer que “nenhuma” amiguinha tem o cabelo igual ao seu remete ao padrão estabelecido no social. Ter cachos parece ser algo não “normal”. Abordamos o termo “normal” justamente para refletirmos sobre um ponto

interessante para contribuir com a discussão em questão. Determinada loja de produtos cosméticos tem, em uma seção sobre tipos de cabelos, a seguinte definição: “cabelos normais”. Nesse viés, o que seria um cabelo “normal”?

Sabemos que o sentido de uma palavra não é literal, é naturalmente metafórico. Para pensarmos um pouco sobre este “normal”, pesquisamos em um dicionário o significado de normal, vejamos:

1. De acordo com a norma, com a regra; comum.
2. Que ocorre naturalmente ou de maneira habitual; natural.
3. Habitual.
4. Que segue um modelo, normal ou padrão.
5. Que se comporta ou age de uma maneira considerada.
6. Aceitável ou adequada.
7. [Figurado] que não é seco nem oleoso: pele normal, cabelo normal.

Fonte: Dicionário “*Online*”.

É interessante observamos que apenas a sétima definição apresenta - no sentido figurado - uma ideia que diz respeito ao cabelo. Mas não ficaremos apenas nessa definição. Uma das definições traz “de acordo com a norma/regra”, e se aplicarmos tal definição a uma determinada formação discursiva, entendemos que “normal” é determinado tipo de cabelo, isto é, em uma FD que cabelo liso é o normal, é a regra, logo, cabelo “normal” significa: cabelo liso.

Por meio do dito, notamos: o cabelo não normal seria o cabelo crespo, aqui, seria aquilo que se distancia do padrão. Se considerarmos o sentido estabelecido como figurado, “normal” é um cabelo não seco. Sabemos que, por naturalidade, o cabelo crespo tende a ser mais seco, desse modo, concluímos por meio do dito: cabelo crespo é “anormal”. Embora consideremos o efeito metafórico, é relevante notarmos as possibilidades ditas pelo dicionário em questão e voltarmos ao site de produtos cosméticos, já que - mesmo que implícito - ao indicarem um determinado tipo de produto para “cabelos normais” notamos que sabem qual tipo de cabelo abordam.

Notamos, mais uma vez, como o discurso ideológico é manifestado por meio dos dizeres. É ideológico as caracterizações dos tipos de cabelos. Dizer sobre o tipo e especificá-lo de modo pejorativo ou não é algo histórico, e não do site de produtos em questão. O dizer está no social, circula, e os sujeitos assujeitados são meros reprodutores.

A próxima SD é um comentário de uma publicação sobre o processo de transição capilar, em específico, um comentário sobre o depoimento de uma mulher que passou pela transição. Vejamos:

SD10: Minha irmã se inspirou em você e também aceitou seu cabelo e vai fazer a transição capilar.

Destacamos, inicialmente, o termo “aceitou”. Em momentos anteriores notamos que em determinada FD ter os cachos é “aceitação”, agora, observamos novamente o mesmo sentido para o termo em questão. “Aceitou seu cabelo”: o sujeito do discurso indica que o cabelo natural, antes, não era aceito e, posteriormente, aborda o processo de transição capilar como a evidência da “aceitação”.

Para fazer a transição é necessário ter o cabelo liso por meio dos procedimentos químicos. Nesse contexto, a irmã do sujeito em análise está em uma FD em que o liso é necessário, o belo, e, agora, por influência do perfil em questão, irá passar pelo procedimento de voltar aos cachos.

Observamos novos ditos em relação ao tipo de cabelo crespo: “ser aceito” e, por isso, acionamos uma nova SD:

SD11: Te aceito de volta.

Nesta SD, temos apenas quatro termos, mas a quantidade de palavras não limita tamanha significância presente. Por meio da AD, refletimos sobre como o enunciado está carregado de sentidos. Aqui, quem recebe o discurso é o próprio cabelo que passa a ser “aceitado”. Aceitar de volta remete ao processo de transição capilar, que possibilita a “volta” aos cachos.

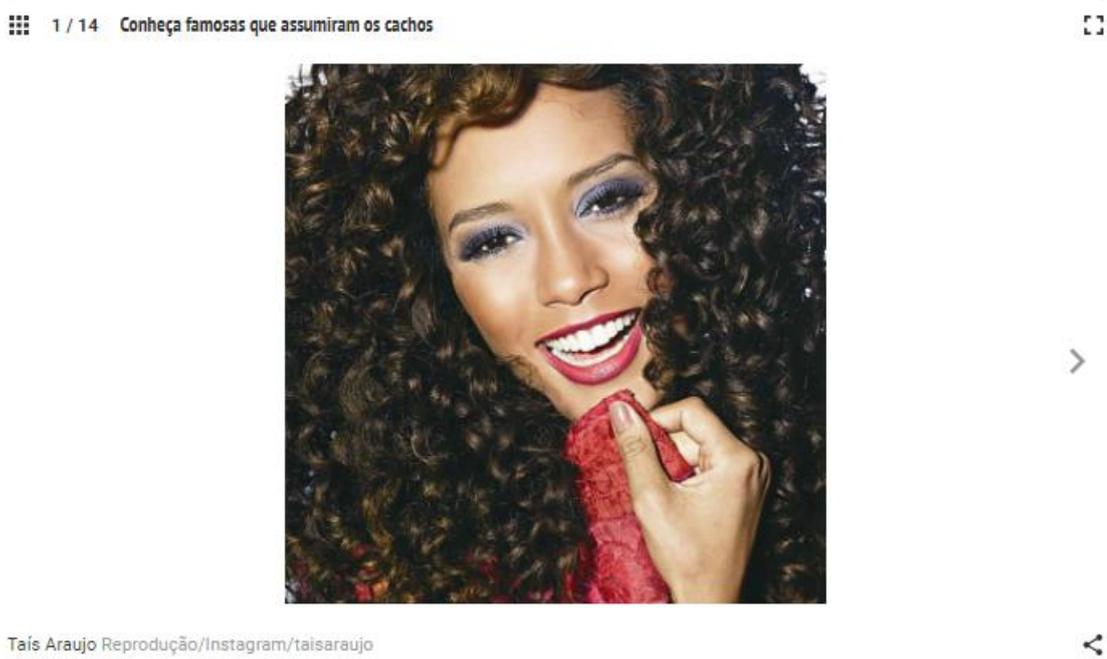
O sujeito do discurso explicita a “volta” como um momento agora aceito. Destacamos o “agora”, pois a própria construção discursiva aciona isso. Relembramos, neste momento, algumas das SDs já analisadas no trabalho que também dizem sobre aceitação. Nesse viés, refletimos: é o sujeito individual que agora tem uma aceitação ou é o social que passa a aceitar o cabelo crespo? Se levarmos em consideração o fato de o sujeito não ser fonte, logo, temos um discurso que não diz somente sobre um sujeito, mas um sujeito que diz inserido em determinada FD. Assim, temos: “nós aceitamos de volta”.

Pensar sobre o sujeito desse discurso que diz “aceito” faz acionarmos a “liberdade” que parece querer ser evidenciada, a ideia de um sujeito livre em suas atitudes. Entretanto, será que, realmente, esse sujeito está liberto da ideologia que não quer mais fazer parte? Mais uma evidência do assujeitamento, do sujeito iludido por suas escolhas lexicais - esquecimento número 2 que Pêcheux (1995) menciona. É isso que ocorre com o porta-voz do discurso em análise. Pensa que tem poder sobre o que diz e como diz, mas é evidente que não.

A realidade de um sujeito não é apenas individual, é social, já que o sujeito que enunciou não é a fonte, é o porta-voz de tal ideologia. Por meio desse padrão estético é que diversas cacheadas/crespas sofrem discriminações diariamente.

Já dizemos que no social circulam dizeres sobre os tipos de cabelos: qual deve ser usado, como deve ser usado, enfim, vários enunciados carregados ideologicamente.

A matéria da Folha de São Paulo, ao final, traz quatorze imagens de



mulheres que têm os cabelos crespos. Observemos uma delas, a primeira:

Imagem 3: final da matéria da Folha de São Paulo

Fonte: Folha de São Paulo (agosto de 2017, n.p.)

É importante observarmos o enunciado antes das fotos: “conheça famosas que assumiram os cachos”. Qual seria o motivo para os possíveis leitores da matéria conhecerem tais famosas? Elas são modelos a serem seguidos? E por que as mulheres das fotos são todas famosas? Esses são alguns questionamentos que fazem refletirmos sobre os tipos de cabelos e como eles são vistos socialmente. Sabemos que os dizeres estão no social e, diante disso, pensamos: famosa com cabelo crespo significa que este cabelo pode ser usado? Pela estratégia da matéria em análise, finalizar o texto com exemplo de famosas seria exemplificar que usar cachos está “na moda”.

Outro ponto a partir da imagem é a aparência da atriz. Vemos uma cacheada feliz, animada, que aparenta não ter nenhum tipo de “problema” em exibir seus cachos e se tivesse teria uma “solução mascarada”: o alisamento químico. Dissemos “mascarada”, pois o próprio social que diz para fazer o processo é o mesmo que o julga quando realizado.

Como supracitado, na matéria da Folha, na última parte, as quatorze imagens são divididas entre famosas nacionais e internacionais. A última imagem é de Juliana Paes:

Imagem 4: final da matéria da Folha de São Paulo



Fonte: Folha de São Paulo (agosto de 2017, n.p.)

A imagem de Juliana Paes selecionada para a matéria traz o mesmo discurso da primeira foto de Thais Araújo: a cacheada feliz, contente, sem “problemas” em exibir o cabelo de modo natural. Pensando na questão ideológica, agora, notamos a ideia de um modelo a ser seguido.

Na próxima SD, a partir do reconhecimento de que há discriminação em relação a quem tem cabelos crespos, é afirmado que ela estaria sendo superada, porque famosas estariam assumindo seus cachos e que isto estaria atrelado, sobretudo, ao discurso do empoderamento feminino.

SD12: A discriminação com os cachos não é pouca. A ferramenta de pesquisa aponta que 1 a cada 3 mulheres com cabelos crespos e cacheados já foram vítimas de discriminação. O que, por sua vez, faz **cair a autoestima** das moças: 4 a cada 10 cacheadas já sentiram vergonha de seu cabelo. Mas, esse cenário está mudando. Os cachos estão voltando para a **cabeça de atrizes famosas**, cantoras e influenciadoras digitais. Essa crescente valorização do cabelo natural é recorrente de muitos fatores, entre eles, a popularização do discurso de **empoderamento feminino** (grifo nosso).

Em um primeiro momento, a matéria destaca a discriminação em relação aos cachos, relacionando-a à autoestima e à conseqüente vergonha de ter um determinado tipo de cabelo, o que teria levado, por vezes, ao alisamento para evitar o preconceito. Percebemos, novamente, a relação interdiscursiva no que se refere à elevação ou à diminuição da “autoestima” no que diz respeito ao tipo de cabelo. Agora, temos “autoestima caída”, digamos, para a FD em que cabelo crespo é visto como ruim, que é posta à distância e polemizada. Para ela, se o cabelo crespo não é “bom”, a autoestima “cairá” e produzirá vergonha.

Sobre sentir vergonha por ter o cabelo cacheado, para uma FD que tem o cabelo liso como padrão de beleza, assumir os cachos traz como conseqüência a vergonha e a baixa autoestima na vida social, o que significa não poder tê-lo “aos olhos do outro”, em face do julgamento pejorativo, que, no limite, é a crítica a uma determinada cor de pele e, portanto, a uma raça.

Entretanto, para esta segunda FD, o “cenário está mudando”, em que pese o fato de a valorização do cabelo crespo ocorrer, porque, agora, as atrizes famosas, as cantoras e as influenciadoras digitais terem passado a usá-lo. Além de, nesta FD, o discurso rejeitar a “discriminação” e a autoestima ferida, temos

outros fatores mencionados para esta “nova” concepção, como “a popularização do discurso de empoderamento feminino”. Notamos um deslocamento para a metáfora “cabelo crespo”: ser cacheada agora é “ser empoderada”, quer dizer, mulheres empoderadas “assumem” seus cachos e os assumem ao sabor do que impõem as imagens das atrizes Thais e Juliana: modelos a serem seguidos.

Aqui, diante da possibilidade de “ser empoderada”, é o cabelo alisado por meio químico que passa a ser lido no diapasão negativo, pois, tendo em vista a ideologia presente nesta SD, não “assumir” os cachos é não ser empoderada e, por isso, ter vergonha das suas origens. De acordo com Aiub (2015), o discurso é a forma material da ideologia e, se o sujeito é constituído pela linguagem e, logo, pela ideologia, elas estão presentes nele, restando-lhe colocar-se a lado da FD “A” ou “B”, com o que isto possa trazer de consequências. O autor afirma que a ideologia impõe a interpretação e o movimento metafórico, uma vez que ela interpela o indivíduo em sujeito, levando-o a se identificar com uma formação ideológica e, por decorrência, como uma (FD).

Devemos atentar para o fato de que, conforme o discurso, atualmente, se mulheres usam os seus cabelos crespos naturais e não sofrem por isso, na FD em questão, isto se deve ao fato de as famosas fazê-lo, dado serem índice de uma visibilidade aceita, mostrando que a “importância” social interfere no que deve ser utilizado. Voltamos às análises anteriores em que afirmamos que aceitar o cabelo natural é uma imposição, já que é por meio da retomada de discursos que atualizam a memória discursiva que as SDs em análise valorizam certo tipo de cabelo tornando possível que a mulher o use. Não vemos a decisão individual de uma pessoa específica, mas uma determinação ideológica que diz o que é e deve ser e uma FD que diz o que se deve dizer (PÊCHEUX, 2009).

Conforme a análise avança, vamos percebendo ser possível “atravessar esse imaginário que condiciona os sujeitos em suas discursividades e, explicitando o modo como os sentidos estão sendo produzidos, compreender melhor o que está sendo dito” (ORLANDI, 2012, p. 40). Neste sentido, fazer parte de um contexto de transição capilar não significa que o discurso será de apoio ao processo, já que os sentidos não estão presentes apenas nas palavras, isto é, “estão aquém e além delas” (ORLANDI, 2012, p. 40).

Na próxima SD, por meio do efeito produzido pelo depoimento de uma pessoa específica, podemos nos aproximar do que significa ter o cabelo crespo:

SD13: Cresci ouvindo que o meu cabelo era ‘ruim’, de ‘couve-flor’ ou ‘palha de aço’. Sempre achei um erro nascer negra e ter cabelo crespo. Me sentia feia por ser negra e por causa do cabelo. Tudo isso por conta de imposições de padrões - e por conta de ‘piadinhas’ que faziam comigo no colégio.

Nesta SD, percebemos que, se o sujeito, sob a injunção da FD “B”, trata do cabelo crespo e o defende, antes não era assim, por ele ser tido como motivo para se sentir feia, ter nascido numa raça “errada” e ser motivo para chacota. Por causa do tipo de cabelo e por ser negra, o sujeito se posta sob a ótica de uma FD que estabelece o que pode e deve ser dito sobre o cabelo crespo e, portanto, sobre uma cor de pele e sobre uma raça. Conforme Mariani (2003), o sujeito da AD é uma posição material linguístico-histórica que leva a uma filiação no entremeio do jogo de contradições e tensões socioideológicas. Logo, na análise, o que buscamos é a compreensão do modo de produção de sentidos resultantes das posições discursivas de sujeito constituídas sob imposição.

Como afirma o sujeito desta SD, ter o cabelo crespo (para a FD “A”) é ter o cabelo “ruim”, de “couve-flor” e “palha de aço”. Essas afirmações predominam na FD que se contrapõe à que as cacheadas estão inseridas agora e impõem, sob outra mirada, o que é o correto ou não para o cabelo. Como afirma Ferreira (2010), na AD, o discurso é entendido como sendo atravessado pelo discurso do Outro e por outros, cuja condição constitutiva é a alteridade.

Tendo em vista a ideologia que sustenta a FD que não vê o cabelo crespo como belo, percebemos que o sentimento de feiura do sujeito é justificado pelo seu tipo de cabelo, o que nos leva a perceber a constituição de um sujeito que é assujeitado por meio da interpelação ideológica. De acordo com Aiub (2015), o trabalho da ideologia acontece na relação entre o sujeito e a linguagem. Neste sentido, a condição anterior de porta-voz de outro discurso leva, agora, a outra avaliação sobre si mesma, derivada do “novo” contexto social e dos “novos” discursos que a interpelam levando a um outro processo de identificação, a outro discurso e a uma outra posição de sujeito.

Neste mesmo sentido de depoimento sobre o cotidiano anterior e sobre uma outra percepção da sua pertença racial, temos a SD que segue:

SD14: Levei muito tempo para me aceitar e me descobrir. E finalmente percebi que o cabelo crespo é lindo, poderoso,

maravilhoso. Notei que não existe nada de errado com ele, nem com a minha cor de pele. Vi que, na verdade, o erro estava nas pessoas. Elas que eram (e as que pensam assim ainda são) preconceituosas.

Quando o sujeito menciona a questão do tempo (que efetivamente não foi o elemento responsável pela mudança, mas sim os “novos tempos sociais”) para ser levado à “aceitação” de seu cabelo e indica o período que levou para isso, destacamos a SD13, pois o sujeito menciona o aprisionamento anterior do juízo de valor sobre o seu cabelo a partir das imposições sociais e do padrão de beleza em que o cabelo crespo não é tido como parte integrante.

Dadas as “novas” interpelações e, em face delas, do chamamento para o rompimento com a ideologia em que estava inserido, o sujeito é convocado, agora, para a desconstrução de os estereótipos/padrões sobre o cabelo e para a percepção que, de fato, o belo não está somente num tipo de cabelo específico, passando a viver a polissemia ditada por outro parâmetro metafórico, sem que perceba que as injunções a que se submete a partir de então.

Percebemos, desse modo, que os padrões imaginários que determinam o sujeito são constituídos pela própria ideologia dominante e podemos entender que os estereótipos provêm de uma FD, concluindo que, “internalizadas, as imagens estereotípicas produzem padrões reais de comportamento que confirmam, potencialmente, os estereótipos” (BIROLI, 2011, p. 78). Por isso, também buscamos analisar os padrões estereotipados presentes nas SDs.

De acordo com esta autora,

os estereótipos são artefatos morais e ideológicos que têm impacto para a reprodução das relações de poder. Neles, o caráter moral dos valores e julgamentos está atrelado aos dispositivos ideológicos de legitimação de papéis e posições em uma dada ordem social. Os estereótipos correspondem à definição do outro e do contexto em que as relações se travam em termos de expectativas sociais padronizadas que, por sua vez, pressupõem valores (BIROLI, 2011, p. 80).

Com a SD14, podemos perceber que o porta-voz do discurso, na condição de sujeito, justifica o discurso anterior sobre o cabelo pautado na defesa de que ele se constituía a partir do imaginário dos sujeitos que o cercam. Notamos que ele fazia parte de uma FD na qual o cabelo crespo é considerado ruim, mas que passou a fazer parte de outra FD, cujos efeitos de sentido não são os mesmos.

Dado o discurso atual, o sujeito enfatiza que o que pensava/reproduzia antes provinha de outros. Devemos atentar para o fato de que a condição de produção desse discurso (a plataforma *online*) leva em conta seus possíveis interlocutores, que, ressaltamos, são, sobretudo, mulheres que passaram pela mesma situação e que, se antes avaliavam mal o seu cabelo, agora, podem pensar de modo diferente. Assim, podemos entender que, como antes, também busca amparo em vozes sociais cujo objetivo, além de informar sua situação e comentar sobre o cabelo crespo, é fazer com que mais mulheres se identifiquem com a causa e deem sustentação ao que “ela” defende (veremos melhor essa busca nas próximas SDs). Atentamos, por fim, que, nesta SD, o cabelo aparece atrelado a uma cor de pele e, portanto, a uma raça que tem o seu cabelo avaliado sob parâmetros que transcendem o puro fato de ele ser crespo.

Sustentando-se sobre o prisma de o cabelo crespo ser julgado a partir de uma visada racista e preconceituosa, temos a SD15:

SD15: O cabelo crespo é lindo. Nunca se pode dizer que ele ‘é horrível’, ‘parece Bombril’, ‘tá parecendo cabelo 4C’. Confesso que fico muito triste de, em pleno 2018, ter que falar algo óbvio sobre racismo e preconceito.

Nesta SD, percebemos que o discurso sinaliza sua pertença a uma outra FD. Nesse recorte do discurso, há a indicação da internalização da identidade com o cabelo crespo e, por conseguinte, a busca pelo afastamento de discursos pejorativos sobre ele. O sujeito retoma, por meio de aspas, termos utilizados em referência ao cabelo em questão; destacamos “tá parecendo cabelo 4C” (cabelo mais crespo tendo em vista as classificações dos cachos).

Sobre esse comentário específico, para quem tem cachos, ele soa ainda mais como pejorativo, dado esta classificação ser um último nível de cachos e que seria dos mais difíceis (destacamos que esse é o discurso da FD que não “aceita” o cabelo cacheado). Quem reproduz esse discurso se pauta no seguinte juízo: “se você tem o cabelo assim, parecendo 4C, ele é horrível”.

Destacamos, entretanto, que essa crença sobre o 4C não representa a percepção de todas que têm cachos (porque nem todas as cacheadas estão “em defesa” do natural), isto é: o comentário realizado, por vezes, não atinge o que busca, embora o sujeito entenda o seu objetivo e possa se sentir agredido.

Pensar no tipo de cabelo, o 4C, contribui com a compreensão do todo

da SD, já que analisar os termos utilizados contribui com a interpretação, pois, “toda palavra é sempre parte de um discurso” (ORLANDI, 2013, p. 43). Todavia, devemos fazê-lo levando em conta a totalidade do texto em suas relações com o contexto. Destacamos que, conforme Orlandi (2013), o texto é uma soma de sua totalidade particular e não somente de uma frase ou a mera soma delas, pois cada palavra contribui para a compreensão do todo e o todo contribui para a leitura de cada parte, cujo todo é o lugar material em que sujeito e sentido são postos em unidade: o “texto é parte de um discurso mais abrangente” (ORLANDI, 2008, p. 89), orientado pelas posições e pelo contexto histórico e político.

Precisamos confrontar o primeiro período e o que vem posteriormente na SD. O sujeito afirma que o cabelo crespo é lindo e depois diz que não se pode dizer “tá parecendo 4C”, criando uma contradição que é só aparente, já que quem diz o que é recusado não é o sujeito que fala, mas quem discrimina o cabelo 4C. O sujeito do discurso se rebela contra isso, provocando, assim, um choque de vozes e uma relação interdiscursiva polêmica no caso. Diante disso, para o sujeito, não é possível afirmar que o cabelo 4C é feio. Vale lembrar:

ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também, por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas (ORLANDI, 2013, p. 53).

No último período da SD, quando o sujeito afirma que os discursos que ele relata o entristecem por se inscreverem em FDs racistas e preconceituosas, percebemos, explicitamente, seu posicionamento movido por um discurso contra a discriminação do cabelo crespo e, por consequência, contra o racismo e contra o preconceito em relação a uma raça, cujo cabelo é uma parte do todo.

Na SD a seguir, postando-se contra o preconceito em relação ao cabelo crespo, o sujeito traz uma outra nuance que deve ser considerada. Trata-se da percepção de que a aceitação só ocorreu em relação ao cabelo cacheado e não ao cabelo crespo, que ainda seria visto de forma racista.

SD16: Saímos da ditadura do liso perfeito para a dos cachos perfeitos. O que existe é a aceitação apenas do cabelo cacheado. Se for crespo, não é bonito. Logo percebemos que

ainda existe muito preconceito em relação ao cabelo crespo, que até mesmo ainda é excluído de propagandas. As pessoas com cabelo crespo continuam à margem dos padrões de beleza.

O sujeito aborda a relação entre o cabelo liso e o cabelo cacheado e aponta uma diferença entre os discursos que abordam os cachos. Ele atenta para uma diferença entre os tipos de cachos e a distinção social que existe entre o cacheado e o crespo, isto é, entre o cabelo que se aproxima mais do liso e o que se afasta totalmente dele. Por meio desta separação, destaca que o preconceito ainda está presente em referência ao crespo e, para exemplificar, menciona as propagandas que não utilizam o crespo. Assim, afirma que o crespo continua à margem de um padrão de beleza, enquanto apenas o cabelo cacheado estaria a salvo dos preconceitos ainda existentes. Ou seja: consoante a SD, apenas o cabelo cacheado estaria sendo aceito por se aproximar do liso, mas não o crespo, ainda motivo de preconceito em virtude da sua marca racial.

Este mesmo prisma de leitura podemos constatar na SD17:

SD17: Há pessoas que continuam a achar que o cabelo crespo não é bonito nem bem-visto. Isso nada mais é que preconceito e o desserviço do trabalho que nós crespas fazemos diariamente com quem nos acompanha pelas redes sociais.

Diante dos discursos que circulam e pensando no comentário sobre as propagandas que não mostram o cabelo crespo, o sujeito atenta para os discursos como sendo os causadores dos padrões impostos pela sociedade. Ele assume o seu próprio trabalho realizado nas redes sociais, notamos que, agora, o seu trabalho nas redes tem por objetivo veicular um discurso em prol do cabelo crespo e do seu portador.

Como percebemos, o sujeito da SD em análise insere-se na condição de sujeito crespo, isto é, inscreve o discurso na FD que defende esse tipo de cabelo, considerando um desserviço agir em sentido contrário. Vale lembrar que, na SD anterior, o sujeito diferencia cacho de crespo e, agora, ele se coloca como portador de cabelo e, sendo assim, no “universo” dos cachos, sua defesa centra-se no crespo. Diante disso, podemos concluir que o cacheado também não precisa de representação por já ser amplamente aceito e que o preconceito e o racismo acontecem apenas com o cabelo crespo, porque é marca definitiva de negritude. O discurso mostra que, no momento, é o cabelo crespo que continua

à margem.

Na próxima sequência, a defesa da aceitação do cabelo crespo dá o tom e, neste caso, percebe-se a explicitação da fonte de marginalização, sobretudo, a publicidade e a indústria cosmética.

SD18: Não podemos nos calar diante de situações de preconceito. Devemos mostrar o nosso poder e a nossa união. Mesmo que sejamos a minoria em publicidades, propagandas e indústrias de beleza.

Na SD18, o sujeito chama as interlocutoras para o empoderamento e a união, mesmo que, conforme é percebido por ela, nos meios de divulgação, as crespas são minoria. Podemos destacar que, ao dizer “não podemos nos calar”, a autora diz - por meio do não-dito - que os sujeitos crespos se calam diante dos discursos preconceituosos, tornando-se também responsáveis pela conjuntura vivida. Destacamos este implícito, pois, “ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam” (ORLANDI, 2013, p. 82).

Ademais, sob este mesmo prisma, ao utilizar a primeira pessoa do plural e se inserir como responsável pelo discurso, o sujeito não deixa de reconhecer que também já se calou diante dos fatos preconceituosos que constata. Assim, podemos lembrar as outras SDs já analisadas, nas quais o porta-voz se coloca na condição de sujeito assujeitado pela ideologia dominante, tendo, agora, um espaço mais bem alicerçado para movimentos de resistência crítica.

A próxima SD, como se fosse palavra de ordem ou slogan que convoca para a defesa de uma bandeira ideológica, carrega uma entonação emotiva e de caráter persuasivo com relação ao direito de assumir o cabelo crespo sem ser discriminado por isso, defendendo este preceito sob a ótica da diversidade, da diferença, da pluralidade e do respeito à individualidade.

SD19: O mundo seria muito melhor se todos respeitassem as diversidades, as diferenças. Cada um tem o seu tipo de cabelo. Cada pessoa e cada tipo de cabelo tem sua beleza. Não existe nada melhor que você se sentir linda do jeito que realmente é. Seja linda do seu jeito, com sua beleza. Ser linda é ser você! Não queremos e não vamos deixar que o nosso cabelo seja comparado a qualquer coisa pejorativa. Somos fortes, somos poderosas. Somos crespas, sim, com muito orgulho.

O discurso presente na SD se pauta na defesa de que as diferenças não

têm sido respeitadas, mas deveriam ser. Entendemos que este discurso se pauta na rejeição da memória definida sobre o cabelo crespo, mas, polemicamente, ao contrário dela, defende que cada beleza é única e enaltece a necessidade de a mulher se sentir bem como é (cabelo natural).

De novo, interdiscursivamente, a materialidade discursiva veicula que o cabelo crespo é relacionado a termos pejorativos, mas trabalha com um discurso de apoio às mulheres que sofrem por isso, interpelando-as para outro processo de autoavaliação e para outro juízo de valor sobre si mesmas. O discurso finaliza com os índices de avaliação “fortes” e “poderosas”, que confirmam a visada persuasiva e a criação de uma mirada positiva em relação às mulheres que assumem o cabelo crespo. Isto é, ser uma mulher que assume o cabelo crespo é ser “linda” e “bela” e se tornar “forte” e “poderosa”, desde que aceite o cabelo natural que a constitui e, portanto, submeta-se à interpelação por uma outra FD (B), aceitando a sua diferença, a sua raça e o seu cabelo. A mulher alcançada por este discurso está proibida, doravante, de aceitar a FD “A”, sob pena de perder autoestima e empoderamento: interpelação de lá, interpelação de cá.

Diante disso, o discurso cria uma dissensão para com um outro grupo de mulheres presentes no não-dito: aquelas mulheres que têm o cabelo crespo natural, mas preferem alisá-los, que, por consequência, não seriam ‘fortes’ nem ‘poderosas’. Tendo em vista este discurso, as mulheres empoderadas são tão somente as que assumem os seus cabelos naturais. De um determinado modo, o discurso aborda o preconceito sendo preconceituoso. E há outra cisão ainda: com “somos crespas sim”, mais uma vez, as cacheadas são excluídas por não “passarem” pelos mesmos discursos que as crespas.

No limite, este discurso cria alguns grupos em exclusão: as crespas, as crespas alisadas, as cacheadas, as cacheadas alisadas, as de cabelo liso e as de cabelo liso que ondulam/cacheiam os cabelos. Com isso, em silêncio (nem tão silencioso), ele cria o efeito de que o empoderamento e a autoestima têm um destino e uma recompensa para um só segmento: as mulheres de cabelo crespo ao natural; e a pluralidade e a aceitação da individualidade desandam, dado que elas não são tão evidentes assim para qualquer um dos outros grupos.

Na SD a seguir, que também aborda a problemática da superação do alisamento químico, agora, a transição é vista como a superação de algo que foi bem mais traumático e agressivo do que pareceria.

SD20: A transição tb é um trabalho de curar feridas.

A SD20 foi retirada da rede social do *Instagram*, especificamente, de um comentário sobre uma foto que aborda o contexto da transição capilar. Os termos ‘transição capilar’ utilizados nas sequências anteriores, no momento, torna-se apenas “transição”, uma vez que já se sabe do que se trata, sem precisar maior precisão sobre o que se fala. O processo agora é qualificado como um “trabalho” que teria como objetivo geral “curar feridas”. Devemos, assim, abordar quais são os não-ditos que retornam no recorte em destaque, já que nos levam a perceber um sujeito que necessita de “cura” e nos fazem buscar de que cura se trata. A “ferida”, aqui, poderia ser entendida como a imposição do alisamento do cabelo por injunções sociais e o apagamento consequente de uma identidade racial a partir de discursos difusos que circulam na sociedade e dizem como deve ser o cabelo ideal que tem como modelo o sujeito europeu e de pele clara.

Se a transição capilar, neste caso, é vista como “remédio”, podemos entender que o processo de alisamento seria a “doença” que “machuca” o sujeito previsto por uma FD, dado o conjunto de agressões que produz em relação a ele. Devemos ressaltar, neste sentido, a veiculação da obrigação de a mulher “ser bela” e como isso interfere no cuidado com o cabelo. A SD em análise, que pertence a uma outra FD, como tal, não é de um sujeito único, mas social, o que revela que, para algumas mulheres, o processo de alisamento é uma constante violência contra a vontade do próprio ser: a estética que o social impõe seria mais relevante do que o desejo de assumir os fios naturais e uma raça.

Ao sabor da SD20, discursos determinados pela ótica da FD1, abordando os cabelos cacheados e crespos efetivam ações que, de modo silencioso, ferem a dignidade de algumas mulheres ao apagar as suas vozes e as suas pertenças, quer dizer: um determinado cabelo em uso pode ser simplesmente padronizado e aparentar o que o social tem como belo, enquanto o sujeito sofre calado. Alisar seria uma ação violenta que, conforme a SD, fere o interior, mas a transição cura.

Sob este ponto de vista, viver com a “ferida” faz parte da vida de algumas mulheres colocadas sob a obrigação de serem não necessariamente aquilo que mais parece adequado. Essa imposição também é abordada no filme “Felicidade por um fio”, disponível na plataforma de *streaming Netflix*. A protagonista Violet

Jones tem o cabelo natural crespo e sofre desde criança com a imposição do alisamento feita pela mãe, como representante porta-voz da sociedade. Violet, já adulta, decide assumir os fios naturais, o que é mostrado como um modo de “libertação”, de “cura” e de mudança de vida, isto é: Violet abandona o processo de alisamento e assume o cabelo crespo como um processo de mudança e de ruptura em relação às problemáticas vivenciadas de identidade.

As cenas que mostram o convívio de Violet com seu cabelo são marcadas pelo seu sofrimento no momento do alisamento, do que é exemplo o uso da escova de ferro aquecida pelo fogo. O filme também aborda o olhar social sobre os cachos: no início do filme, que traz uma cena da infância da personagem, ela passa por uma situação em que outras crianças riem do seu cabelo após ela entrar na piscina, uma vez que, enquanto o cabelo alisado, ao ser molhado, volta ao natural. A situação é lembrada pela personagem na fase adulta e ela questiona a mãe por não dizer que ela era linda com o cabelo natural, cacheado, e ela se questiona como seria no momento atual se a atitude da mãe tivesse sido diferente.

Reiteramos o que dissemos anteriormente sobre a mãe ser um porta-voz da sociedade, já que o seu discurso não é apenas seu, mas um eco de um coro social que repete parafrasticamente um determinado efeito de sentido. A mãe de Violet, que acredita que o cabelo da filha deve ser alisado por inúmeras questões, é tão somente mais um sujeito assujeitado por uma FD.

O filme foi lançado no ano de 2018 e o destacamos por tratar a transição capilar como uma forma de “curar feridas”, que reitera o discurso que aparece na SD20. A personagem, ao assumir os fios naturais, rompe com os traumas sofridos desde a infância. No filme, o processo de alisamento não é mostrado somente por meio de procedimentos químicos, mas destacamos, nele, o retorno ao cabelo crespo. A vida da protagonista recebe uma “cura” a partir do momento em que aceita os fios naturais e os aceita como belos e como marca de identidade.

Em termos gerais, o filme aborda os sentimentos que presenciamos nas SDs que constituem o *corpus* deste trabalho e, ademais, o empoderamento é mencionado como estando relacionado à questão do cabelo em uso. Podemos perceber, desse modo, que ter o cabelo liso por meio de procedimentos químicos e outros não pode ser tido como uma certeza do desejo feminino, isto é, ter o

cabelo alisado não significa obrigatoriamente que a mulher o queira assim. A exterioridade preconizada pela sociedade pode não contemplar o que se passa no interior do sujeito, pode estar “machucado” e se “curar” por meio do retorno e da aceitação da sua constituição natural.

Nesse sentido, Violet representa a infinidade de mulheres que vivem com seus corpos modelados pelas imposições sociais e sofrem caladas. Percebemos que a SD20 parafraseia dizendo o mesmo do enredo do filme: voltar ao natural é um remédio para o interior ferido pelos ditames sociais.

Neste prisma, a transição capilar que integra os “novos” discursos passa a ser percebida como a “salvação”, pois, então, a sociedade passaria a “aceitar” novos tipos de fios capilares. No entanto, podemos observar que o remédio da “transição” também é determinado socialmente, uma vez que ele também é moldado e construído sob a injunção de uma FD, que, interdiscursivamente, desloca a metáfora do “cabelo crespo”, sem deixar de exigir, por seu turno, procedimentos mercadológicos específicos.

O foco geral da polêmica que constituiu as SDs em análise é a questão da transição capilar, também nomeada como processo, e a atividade de volta à identidade, conforme algumas delas. É a partir dessa transição que os discursos tanto positivos quanto negativos são efetivados sobre os cabelos. Qualificar ou desqualificar o cabelo natural depende, assim, do sujeito, quer dizer: o cabelo crespo ser considerado bom, por exemplo, depende da inscrição do sujeito em uma FD determinada. Desse modo, por meio da análise das SDs selecionadas, temos uma metáfora movente sobre o que é o cabelo crespo e, neste contexto, o sentido de ‘crespo’ sofre diferentes deslizamentos. Por isso, a semântica de “crespo/cacheado” se efetiva nas FDs em que os sujeitos estão inseridos.

Podemos observar, além disso, que um determinado perfil de mulher é caracterizado também em vista dos cabelos que ela possui, isto é: a mulher recebe caracterizações que a constituem a partir do cabelo que decide usar - natural ou não. O entorno social - marcado pelo ideológico - discretiza o cabelo em uso e diz o que é (ou não) uma mulher bela, por exemplo. Neste sentido, dar “adeus” ao processo de alisamento significaria ser bela e expandir a autoestima, uma vez que as mulheres que assumem os fios crespos naturais se inserem em um grupo diferente das que optam pelo cabelo liso por meio de procedimentos específicos, negando uma certa identidade de raça.

A transição capilar, conforme os discursos das SDs, ultrapassa uma mera mudança visual e envolve caracterizações relacionadas à beleza, à autoestima, ao empoderamento e à identidade. É importante destacarmos, porém, que este processo ocorre também por meio do uso de produtos, ou seja, voltar ao natural exige cuidados determinados e produtos específicos para a definição dos cachos para que o natural volte como era. Por este viés, além do dever de mudar o visual, notamos que os sujeitos que desejam a volta devem se submeter aos ditames do consumo, que promete devolver a “identidade”, o que não poderia ser alcançado sem essa submissão às injunções mercadológicas.

Tematizando a questão da “identidade”, algumas SDs relacionam o “ser crespa” à identidade negra e afirmam que as mulheres negras que utilizam os fios lisos e não naturais não assumem as suas “raízes”, isto é, o fato de serem negras. Neste sentido, ocorre a exclusão das cacheadas que não são negras, como se elas pudessem ter o cabelo que quisessem sem receberem uma “culpa” discriminatória de fuga da “identidade”.

O processo de transição capilar, que seria libertador, entretanto, requer tempo e a mulher que o escolhe se torna refém e fica submissa ao período necessário para voltar ao natural e, sobretudo, aos cuidados que os fios exigem em termos de mercado. Ter os cachos novamente exige limpeza, hidratação e definição, fatores que seriam alcançados somente por meio do uso de produtos disponíveis no mercado. Ser a cacheada socialmente prevista inclui gastos altos, principalmente quando os cachos estimados são os das mulheres “famosas”, como visto nas imagens veiculadas pela Folha de São Paulo.

Podemos observar que a transição capilar também aparenta ser uma falsa escolha, já que, o limite, é uma chantagem que impõe que a mulher alcance uma beleza determinada. Para a mulher negra, os discursos sobre o processo são intensificados, tendo em vista que tratam o liso não natural como feio. Logo, ser negra é uma condição para não ter os fios lisos - conforme as SDs em análise. O processo de volta ao natural é considerado um “remédio” para a beleza e as mulheres negras que escolhem assumir os seus fios naturais passam a ser caracterizadas como “belas”. Assumir os fios que estavam escondidos seria, pois, assumir um outro padrão de beleza e autoestima.

Devemos destacar que o cabelo liso por meio de procedimentos químicos específicos era crespo anteriormente e que, para determinada FD, ser crespo

significa ser ruim o que, conseqüentemente, torna necessário o alisamento. Nesta outra FD, o cabelo alisado, não natural, é visualizado como escape à “feitura” imposta ideologicamente do cabelo crespo, sendo ela determinada por uma outra forma de avaliação.

Como assumimos, o cabelo crespo ser considerado como “ruim” está em determinada FD que circula na sociedade e nessa condição de produção o “ruim” deve ser escondido, o que se efetiva por meio dos procedimentos que buscam o alisamento dos fios. Como supracitado, os efeitos de sentidos sobre os termos ‘liso’ e ‘crespo’ são ideológicos; dizer “x” ou “y” não traz um sentido novo, mas reitera o que circula socialmente, movimentando-se entre “A” e “B”. O imaginário em que os sujeitos estão mergulhados dita o que é um cabelo ruim ou bom, tendo em vista a FD a que estão submetidos. A metáfora que mencionamos - cabelo crespo - se efetiva, portanto, a partir de determinada FD. O cabelo ruim é o crespo para o sujeito que está inscrito na FD que permite esse discurso.

Por meio das análises, percebemos também que mulheres brancas que tenham cabelos crespos não são mencionadas e, portanto, a mulher que mais deve se submeter aos ditames impostos no tocante ao cabelo é a negra. Nas SDs, a transição capilar é referida como “a volta às raízes”; assim, precisamos destacar que, polissemicamente, as “raízes”, ao mesmo tempo em que remetem à “raiz do cabelo”, também o fazem em relação à aceitação dos traços de uma raça, já que voltar ao natural tem relação com “aceitar” as origens e se adaptar ao fato de a mulher ser negra.

A sociedade que, agora, parece “aceitar” o cabelo crespo ao natural também parece querer “reconhecer” o corpo negro e suas características físicas, o que nos remete a uma sociedade marcada pela escravidão, pela rejeição da identidade negra e pela discriminação em relação a ela em face de todas as suas características. A “aceitação” do negro e seu cabelo, por exemplo, deriva, em verdade, de um longo processo histórico, ainda marcado pelo racismo existente, dito como estrutural. Embora o processo de transição capilar exista, não significa que não haja discursos pejorativos em relação aos fios crespos; o próprio fato de ter que defendê-los talvez seja a prova mais evidente de que o racismo estrutural ainda nos assola. Exemplo disso é a necessidade da criação da lei do “Dia do Orgulho Crespo” mencionada neste trabalho; defendemos que a

existência da lei para que os fios naturais sejam “respeitados” é a exemplificação de uma FD que prega o desprezo pelos fios naturais, sobretudo, dos negros.

Ser “crespa”, como procuramos mostrar ao longo deste trabalho, é um “problema” para determinada FD, uma vez que nela a figura angelical dos cachos dourados não é atribuída às mulheres negras, mas às crianças brancas, de olhos claros, sobretudo. O efeito de sentido de “crespa” é determinado socialmente, sendo, portanto, marcado também pela instância mercadológica. São inúmeros os movimentos em prol dos fios naturais; em parte positivos, mas, por outro, com ênfase sobre o consumo já que exigem cuidados específicos.

Nesse viés, conforme as SDs, sob o direcionamento para ser “livre”, há injunções que, na realidade, constituem um aprisionamento. Neste sentido, as mulheres podem ser crespas, desde que este tipo de fio seja cuidado com o uso de produtos que “auxiliam” a volta ao “natural”: eis uma FD. Também é dito, por outro lado, que elas podem ter os fios lisos, desde que sejam alcançados por procedimentos específicos. Assumir os fios naturais ou não é uma “escolha” que requer cuidados e está submetida sempre ao olhar social de modo crítico. Seja por uma via ou pela outra, há duas FDs que pregam o que é “melhor” e sujeitos assujeitados marcados ideologicamente por escolhas antecipadoras.

Conforme as análises demonstraram, o processo de transição é visto como afirmação de “identidade” e como uma “moda”. Nessa condição de produção, destacamos que a “moda” é realizada sobretudo por meio do discurso publicitário, o que nos leva à conclusão de que assumir os fios naturais está marcado por ditames mercadológicos, uma vez que quanto mais transição capilar acontecer, mais ganho haverá para determinadas empresas, o que sobredetermina qualquer motivação política de afirmação de uma raça.

Podemos concluir que este trabalho está às voltas, assim, com duas FDs diferentes que metaforizam o cabelo crespo de dois modos distintos. Os sujeitos filiados a cada uma delas reproduzem o que lhes é permitido e, assim, fora da FD de contenção, nenhuma escolha da mulher será vista como “perfeita”, quer dizer, os olhares sociais tramam um padrão inalcançável, sendo que a mulher sempre estará defasada em relação ao que se espera dela. A escolha pelos fios é descrita como uma liberdade, porém é a sociedade que diz como deve ser.

Destacamos os discursos sobre o processo de transição capilar ocorridos na condição de produção do isolamento devido à Covid-19. Esses discursos

revelam vergonha de exibir publicamente os fios crespos e mostram que apenas o “eu” vivido em isolamento permitiu encarar o próprio cabelo e tornou o processo mais fácil. Mas as SDs revelaram que assumir o cabelo crespo natural, além de um processo interno, é também externo, já que assumir os fios é ter que se submeter a uma sociedade racista e exibir características físicas de um corpo visto de um modo depreciativo em face do negro ser percebido a partir de um ponto de vista do trabalho escravo. O cabelo crespo é uma metonímia do todo, quer dizer: conforme as SDs, se o cabelo é “ruim”, o “dono” também é e, por isso, não pode ser exibido socialmente. Apagar os fios, não os mostrar, é um processo de negação de uma raça: este é o discurso veiculado por uma das FDs.

De acordo com os efeitos de sentido produzidos pelas SDs, o sujeito deveria ser a origem de suas escolhas, mas sabemos que, conforme a AD, este é um processo marcado pela ideologia. Cuidar dos fios também pode ser um processo enganoso, já que o discurso de suposta “proteção” e de valorização de uma raça busca também, de sobremaneira, a venda de produtos cosméticos. Logo, os termos podem ser iguais, entretanto, dado o deslocamento metafórico entre FDs distintas que mantêm entre si uma relação interdiscursiva polêmica, o sentido não é, isto é, o termo “cuidar” remete polissemicamente à valorização de uma raça, mas também a interesses comerciais inconfessos.

A partir das análises que realizamos, identificamos duas FDs distintas: “A” e “B”. Nelas, os termos ‘crespo’ e ‘liso’ aparecem com efeitos diferentes, a partir de um interdiscurso de contradição e de uma metáfora que desloca:

FD “A” \implies cabelo crespo: ruim x cabelo liso: bom.

FD “B” \implies cabelo crespo: bom x cabelo alisado: ruim.

A defesa da transição capilar como defesa de identidade e de busca de empoderamento se efetiva em uma condição de produção em que o sujeito está filiado à FD “B”, já que nela os fios crespos são considerados bons. A FD “A”, por outro lado, ancora-se em discursos marcados por um longo período histórico e que são atuais: nela, o crespo é ruim. Esta formação padronizou os fios de modo que o alisamento por diferentes modos fosse buscado. Reiteramos: a transição capilar ainda existe, pois os fios naturais não eram - e ainda não são - aceitos no social. A condição da transição é de ruptura e de resistência em

relação à FD “A” e aos discursos pejorativos sobre os fios naturais que marcam a identidade dos sujeitos negros - conforme as SDs em análise.

As duas FDs determinam o que pode e deve ser dito sobre os cabelos e ambas apontam os procedimentos que as mulheres deveriam adotar. Vejamos:

FD “A” \implies procedimento adequado: liso não natural.

FD “B” \implies procedimento adequado: transição capilar.

Desse modo, o sujeito inscrito na FD “A” vê os fios lisos não-naturais obtidos por meio de processo químico como o procedimento adequado para os seus cabelos; já o sujeito inscrito na FD “B” entende a transição capilar como o processo que lhe confere uma identidade e o empodera. O discurso reproduzido em cada FD ecoa socialmente um efeito de sentido. Voltar ao crespo natural é um processo de “aceitação” não apenas do sujeito por ele próprio, mas de resistência frente à sociedade em que ele está inserido.

No entanto, tendo em vista a sociedade que passa supostamente a “aceitar” os fios crespos naturais, chamamos a atenção para a veiculação dos modelos que aparecem mostrados como padrão, isto é, as imagens de mulheres famosas utilizando os fios crespos, e retomamos a “moda” já mencionada. Colocar a transição capilar em termos de ‘moda’ produz um apagamento da longa historicidade dos embates raciais por direitos iguais e ela se torna uma luta reduzida ao cabelo crespo, cujo modelo a ser imitado são as personalidades que usam os fios naturais crespos no momento atual.

Além disso, destacamos que não é efetivamente o padrão crespo que é defendido, já que há um modelo de cachos veiculado: o que se aproxima dos fios lisos. Não são todos os fios que são avaliados como “belos”. Uma das matérias selecionadas neste trabalho finaliza com uma imagem - a da Juliana Paes - que mostra os fios próximos ao liso, que parece que deveria ser o modelo a ser seguido. Então, o cabelo “natural” é ditado mercadologicamente.

Chamamos a atenção ainda para um outro sentido atribuído à transição capilar no contexto da FD “B”: empoderamento feminino. As mulheres que optam por assumir os fios e passam pela transição são ditas empoderadas. Por outro lado, as filiadas à FD “A” são vistas sem empoderamento: submissas. Nesse sentido, o uso do cabelo determinaria o que é ser uma mulher empoderada,

reduzindo um movimento de resistência ideológica e social a uma atitude visual e apagando o que há de direitos sociais a serem atingidos.

São diferentes os efeitos de sentido veiculados nas SDs em análise. Elas trazem discursos em que os efeitos deslizam e mostram uma metáfora que desliza e se desloca entre discursos. Assim, vozes sociais ecoam e determinam às mulheres e os seus cabelos, com valores específicos, impondo como elas devem ser e que atitudes podem ter.

Desse modo, o cabelo crespo é uma parte de um corpo visto como “ruim” socialmente. É uma sociedade inscrita em uma FD racista que afirma que o cabelo crespo é ruim quando ele pertence a um corpo negro. Estes discursos não se repetem sobre o cabelo crespo de uma mulher branca, por exemplo. Assumir os fios crespos, portanto, é um processo de “orgulho”, de “identidade” e de “voltar as raízes” que está além dos fios das mulheres negras e que remonta à história de segregação e discriminação de uma raça a partir de conjunturas e estruturas sociais de longa duração de exploração.

Durante o processo de análise das SDs selecionadas, percebemos que o processo de transição capilar recebe diferentes sentidos. As duas FDs mostram que o fator ideológico permeia os discursos. Assumir os fios crespos ou optar pelo liso não-natural são escolhas que trazem julgamentos sociais. Seja em “A”, seja em “B”, o cabelo crespo é julgado, porque é mostrado ou porque é apagado.

Com base nas SDs, concluímos que assumir os fios crespos e chegar à efetivação da transição capilar se aproxima da busca de uma “identidade” que é definida por um viés mercadológico, pois envolve cuidados nos processos que não podem acontecer de qualquer modo. Exemplificaremos isso com o trecho abaixo retirado da plataforma da Natura - empresa brasileira de cosméticos:

Como cuidar do cabelo black power?

A princípio, os cuidados com o cabelo estilo black power são simples, isso porque o primeiro passo é investir em produtos específicos para o seu tipo de curvatura. Neste caso, você pode contar com a linha Natura Lumina para cabelos crespos ou para cabelos cacheados. A escolha dos itens de tratamento é essencial, pois os fios crespos e cacheados precisam de mais hidratação, nutrição e óleo, portanto produtos de cuidados diários devem ser mais emolientes e ter ingredientes específicos para suprir tais necessidades.

O recorte selecionado permite observarmos que assumir os fios está intrinsecamente relacionado ao mercado e ao consumo de produtos. O “primeiro passo” é o investimento em determinados produtos que “possibilitam” o cuidado com o cabelo. Os ditos afirmam que os cuidados são “simples” e enfatizam a necessidade deles por meio das aquisições.

O cabelo *Black Power*, por seu turno, é um símbolo do movimento negro pelo direito de ter uma identidade específica calcada no seu próprio conjunto de valores e características. Em 1960, o movimento se consolidava nos Estados Unidos e buscava representar a luta existente, postando-se em torno da defesa da raça negra. Assumir os fios naturais crespos era sinônimo de resistência e não um “estar na moda”, como algumas SDs deste trabalho afirmam.

Nesse viés, na FD “A” que identificamos, movimentos históricos como o *Black Power* são silenciados, uma vez que o cabelo crespo é visualizado como “ruim” e considerado à parte de todo o conjunto de fatores que o cercam e o tornam digno de atenção. A luta existente é apagada e os fios lisos não-naturais, deste ponto de vista, deveriam, efetivamente, ser vistos como o apagamento de uma historicidade e como o silenciamento de um povo que deve se submeter aos padrões de avaliação de outro.

Em que pesem as diferenças entre as duas FDs, “A” e “B”, elas não deixam de ter em comum uma Formação Ideológica consumista submetida aos ditames mercadológicos, quer dizer: seja para o liso não-natural ou para o crespo haverá sempre a necessidade de procedimentos que devem levar à aquisição de produtos. Estar na “moda”, por decorrência, é estar inserido em padrões socialmente estabelecidos por meio da ideologia dominante que determina uma sociedade. As SDs tratam de um sujeito que busca ser “livre”, sem se dar conta de que ele está aprisionado à FD em que está inscrito. Além disso, esta tal “liberdade” do sujeito que adviria do processo de transição capilar, que seria um “remédio” que “cura as feridas” por assumir os fios crespos, acaba reduzido a um remédio para as feridas provenientes dos alisamentos e não exatamente para um retorno efetivo às origens raciais e o seu conjunto de valores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar discursos sobre os tipos de cabelos das mulheres, sobretudo, o cabelo crespo, e, a partir deles, como se dão o suposto empoderamento feminino, o aumento da autoestima e da autoafirmação social, em submissão aos ditames mercadológicos. O objetivo geral foi analisar sequências discursivas recortadas do ambiente digital que abordam os cabelos não lisos, analisar o discurso sobre o cabelo crespo na condição de produção de transição capilar e como, a partir dele, um determinado perfil-mulher é discursivizado. Selecionamos duas matérias - uma da Revista Veja e outra da Folha de São Paulo - e outros discursos para dialogar com elas - recortes de um texto de um *blog* e publicações e comentários da rede social *Instagram*.

No capítulo de análise, perseguimos os objetivos da pesquisa, buscando observar os discursos e seus efeitos de sentidos. Por meio da análise das SDs, percebemos o deslocamento metafórico, já que ter o cabelo crespo significa de modos diferentes, dependendo da FD em que o sujeito se inscreve. O efeito foi considerado tendo em vista duas regiões discursivas distintas, que nomeamos de “A” e “B”. Consideramos os fios em dois grandes grupos, a partir do efeito genérico que circula socialmente. Assim, temos o liso e os fios que se distanciam dele: o ondulado, o cacheado e o crespo. Devido a essa consideração, os fios não lisos foram abordados como sinônimos neste trabalho.

As condições de produção dos discursos analisados dizem respeito ao processo de transição capilar - a volta ao cabelo natural depois de ter realizado procedimentos específicos para alisar os fios. É a partir desse processo que notamos um perfil-mulher que passa a ser caracterizado.

Sabemos que os efeitos de sentidos das SDs analisadas não são de um sujeito único, mas representam o ideológico presente socialmente. Desse modo, podemos afirmar que os discursos sobre os fios circulam na sociedade, em diferentes formações discursivas. A sociedade julga os fios que as mulheres “decidem” usar. O cabelo liso, “bom”, por meio de procedimentos é tido como uma fuga à identidade e o cabelo natural crespo é visto como “ruim”, ou seja: independentemente dos fios assumidos, há julgamentos.

Os recortes trabalhados mostram que há diferentes afirmações sobre as condições da transição capilar. Destacamos a presença da mulher negra nesses discursos, já que ela recebe julgamentos, se compararmos aos fios não lisos em mulheres brancas. A mulher negra que usa os fios lisos não-naturais é tida como sem autoestima e não-bela. Também é dito que ela deve esconder os fios crespos; neste caso, não somente o cabelo é negado, como também o sujeito de modo geral. Se o cabelo é visto como “ruim”, quem o usa também é; os fios são uma metonímia do todo. Nesse viés, ter o cabelo liso seria “bom”, porque apagaria quem é tido como “ruim” socialmente - discurso das SDs em análise.

A transição capilar - marcada pelo discurso mercadológico - também traz um olhar diferente sobre o negro, que é visto de outro modo (“aceitação”), com, no limite, o apagamento/visualização das suas lutas sociais. Entretanto, ainda há discursos pejorativos em relação ao cabelo natural crespo. A Lei do Orgulho Crespo citada, por exemplo, mostra a necessidade de romper com a ideologia que circula socialmente e discrimina a curvatura dos fios e quem os aceita.

Em relação aos ditames do mercado, assumir os fios crespos não pode acontecer de qualquer modo, ou seja, é necessário ter cuidados específicos e, neste caso, remetemos ao consumo. O processo de transição capilar tem um efeito distinto, se pensarmos nas exigências para a sua efetivação. Voltar ao natural exige atitudes do sujeito, se ele quiser um “resultado” melhor. “Assumir” a identidade é um processo que traz lucros para as empresas de cosméticos, principalmente. Para ser crespa são necessários investimentos.

Relembramos, aqui, as mulheres famosas (inter)nacionalmente que foram trazidas nas matérias e os modelos de suas curvaturas. Os fios são crespos, mas eles são padronizados, o que reitera a necessidade de produtos específicos para o resultado dos cabelos crespos das famosas, o que ratifica os discursos sobre os cachos e que discriminam determinadas curvaturas.

Os discursos sobre a transição capilar afirmam que a mulher passa a estar empoderada e que isso se efetiva quando as curvaturas são “assumidas” publicamente. Ser uma mulher empoderada é assumir os fios naturais crespos. Ademais, o processo também é caracterizado como sendo um “expansor” da autoestima, quer dizer, os fios lisos não-naturais não permitem que a mulher que os escolher supostamente tenha a autoestima expandida. Assim, assumir o natural crespo é “receber” mais autoestima. A autoafirmação também é um efeito

de sentido presente nas SDs, já que ser crespa seria assumir uma identidade social, reconhecer os fios e não ter vergonha de mostrá-los ao social. Porém, não podemos deixar de perceber como estes efeitos meritórios estão submetidos a ditames interesseiros de caráter econômico.

Os discursos abordam/rejeitam, em aparência, o aprisionamento da mulher às condições de um sujeito inscrito em uma FD que vê o liso como belo. Neste caso, o alisamento efetivado foi caracterizado não como uma escolha individual da mulher, mas como uma pressão por optar pelo padrão estabelecido socialmente. Neste contexto, não há um desejo da mulher crespa em alisar os fios, cujo desejo é determinado socialmente pela FD que estabelece como a mulher deve ser, incluindo a “escolha” de cabelos lisos.

Passar pelo processo de transição capilar e rejeitar o alisamento também é considerado como um processo de curar feridas, entendendo o alisamento como uma ferida e como a imposição por meio de discurso de uma “beleza” determinada. Neste sentido de “cura”, temos como remédio “voltar às raízes”, não somente do cabelo, mas também da historicidade/identidade de uma raça. Entendemos que, também, aqui, estamos frente a um discurso que parece muito comprometido com as causas de uma raça, mas que, como alertamos, tem, em última instância, uma mirada mercadológica.

Como aprendemos com a AD, os efeitos de sentidos dos discursos são marcados por uma ideologia. Nas FDs que encontramos, o cabelo crespo é significado de diferentes modos. A contradição de produção da transição capilar emerge da inscrição em uma FD que vê o liso como “belo” e que, portanto, deve deixar de ser usado por ferir a autoestima, o empoderamento e a identidade. O sujeito que decide voltar ao natural rompe com uma ideologia que diz que o cabelo deve ser liso e assemelhado ao da raça branca.

Percebemos, assim, que os sentidos dos discursos sobre os cabelos crespos circulam de modo que as mulheres que os assumem passam a ser significadas/discursivizadas como tendo um perfil específico de empoderadas, com autoestima e que assumem suas identidades. No entanto, a transição capilar não rompeu em definitivo com os discursos sobre o cabelo “ruim” presentes em circulação, que continuam ecoando na história. O que há são sujeitos interpelados por uma FD que se submetem a outra metáfora que discursiviza o cabelo crespo como “bom” e que passam a usá-los

independentemente do discurso de outros sujeitos que estão inscritos em uma FD diferente.

Em síntese, os efeitos de sentido que são impostos sobre o cabelo crespo são produzidos de modos diferentes a partir das duas FDs que postulamos, as quais se relacionam interdiscursiva e polemicamente e geram deslocamentos metafóricos sobre um objeto instável e heterogêneo. Na FD “A”, o cabelo crespo é ruim, feio, descuidado e indesejado e, neste caso, o procedimento necessário é o alisamento, que configura, para a FD “B”, uma mulher sem autoestima. Na FD “B”, o cabelo crespo é significado como bom, bonito, cuidado e desejado e, então, o procedimento indicado é a volta ao natural, isto é, o recurso à transição capilar, que configura um perfil de mulher com autoestima expandida, mas que, para a FD “A”, é indesejável. De um lado e de outro, julgamentos; de um lado e de outro, consumo de mercadorias e lucratividade.

Percebemos, portanto, que, nas duas FDs apresentadas, as “opções” das mulheres são marcadas por julgamentos e por injunções sociais. Os supostos empoderamento, autoestima e autoafirmação repetidos à exaustão sobre o cabelo crespo se destacam, mas os dizeres sobre o cabelo ser “bom” ou “ruim” continuam circulando socialmente, julgando, determinando e estabelecendo o que pode e deve ser dito, sem uma resolução de completude e de ponto final. Trata-se, em última instância, de uma escolha, de uma responsabilidade e do aceite de estigmas e de julgamentos ao sabor do mercado e do consumo. Eis a força de uma ideologia dominante que tudo reduz ao lucro.

REFERÊNCIAS

AIUB, G. F. Quando o sujeito fa(h)la: reflexões a partir das noções de ideologia e formação discursiva. **Domínios de linguagem**, v.0, n.3, p. 104-119, 2015.

BRANDÃO, H. H. G. **Introdução à análise do discurso**. 3. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

BUITONI, D. H. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

CAMARA, V. H. Juliana Paes fala sobre rotina na quarentena e dá dicas de beleza caseira: 'Azeite para o cabelo'. **Gshow**, Brasil, 05 abr. 2020. Disponível em: <https://gshow.globo.com/moda-e-beleza/noticia/juliana-paes-fala-sobre-rotina-na-quarentena-e-da-dicas-de-beleza-caseira-azeite-para-o-cabelo.ghtml> Acesso em: 09 jun. 2021.

CATTELAN, J. C. **Interdiscurso e Memória**: a metáfora e a metonímia em Pêcheux/Herbert. *Inédito*.

FERREIRA, M. C. L. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Revista do Instituto de Letras da UFRGS**. Porto Alegre, v.24, n.48, p 1-12, 2010.

FIALHO, B. Mulheres brasileiras buscam mais por cabelos cacheados que por lisos na web. **Folha de São Paulo**, Brasil, 11 ago. 2017. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/estilo/2017/08/mulheres-brasileiras-tem-buscado-mais-por-cabelos-cacheados-que-por-lisos-na-web.shtml>> Acesso em: 15 fev. 2019.

HERBERT, T. Observações para uma teoria geral das ideologias. In: **Revista Rua**. Campinas, 1995. p. 63-89.

IMAGEM – TIPOS DE CABELO. Disponível em: https://www.fiquediva.com.br/noticia/como-cuidar-do-cabelo-crespo-com-mais-de-um-tipo-de-fio_a18032/ Acesso em: 09 jun. 2021.

LINHARES, J. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**, Brasil, 18 abr. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 20 maio 2016.

MARIANI, B. Subjetividade e imaginário linguístico. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v.3, número especial, p. 55-72, 2003.

MOTTA, B. De volta às raízes. **Veja**, Brasil, 19 out. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/de-volta-as-raizes/>> Acesso em: 12 fev. 2019.

OLIVEIRA, S. Cabelo crespo e Bombril: essa comparação não é brincadeira, e sim racismo. **Blog da Sah Oliveira**, Brasil, 28 dez. 2018. Disponível em:

<https://saholiveira.blogosfera.uol.com.br/2018/12/28/cabelo-crespo-e-bombri-essa-comparacao-nao-e-brincadeira-e-sim-racismo/> Acesso em: 30/10/2019

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 12. Ed. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, M. **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Tradução Eni Pulcineli Orlandi. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. [et al.]. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes Editores, 1999. p. 49-57.

RIACHO, A. IZA fala sobre transição capilar para o crespo e relembra vez que viu cabelo natural: 'Me apaixonei'. Gshow, Brasil, maio 2019. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/Famosos/noticia/iza-fala-sobre-transicao-capilar-para-o-crespo-e-relembra-vez-que-viu-cabelo-natural-me-apaixonei.ghtml>> Acesso em: 20 fev. 2020.

SÃO PAULO (SP). **Lei nº 16.682/2018**. Dispõe sobre o Dia do Orgulho Crespo. São Paulo, SP: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=185561>. Acesso em: 10 jan. 2021.